



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---


**Wanessa Rodovalho Melo Oliveira**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: AS ATITUDES LINGUÍSTICAS NA FALA DOS  
MIGRANTES DE COSTA RICA**

---

Campo Grande/MS

2020

<p><b>F</b></p>	 <p><b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</b></p>
<p><b>W. OLIVEIRA</b></p>	<p><b>WANESSA RODOVALHO MELO OLIVEIRA</b></p>
<p><b>VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: AS ATITUDES LINGUÍSTICAS NA FALA DOS MIGRANTES DE COSTA RICA</b></p>	<p><b>VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: AS ATITUDES LINGUÍSTICAS NA FALA DOS MIGRANTES DE COSTA RICA</b></p>
<p><b>2020</b></p>	<p><b>Campo Grande/MS 2020</b></p>

Oliveira, Wanessa Rodovalho Melo

Varição Linguística: As atitudes linguísticas presentes na fala dos migrantes de Costa Rica/Wanessa Rodovalho Melo Oliveira - Campo Grande, MS: UEMS, 2020.

93p.

Dissertação (mestrado) – Sociolinguística – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza

1. Atitudes Linguísticas. 2. Migrantes. 3. Sociolinguística I. Souza, Antonio Carlos Santana II. Título.

Cdd ??ed. - ??

**Wanessa Rodvalho Melo Oliveira**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: AS ATITUDES LINGUÍSTICAS NA FALA DOS  
MIGRANTES DE COSTA RICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de concentração:** Sociolinguística

**Orientador:** Prof. Dr. Antônio Carlos Santana de Souza

Campo Grande

2020

**Wanessa Rodvalho Melo Oliveira**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: AS ATITUDES LINGUÍSTICAS NA FALA DOS  
MIGRANTES DE COSTA RICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de concentração:** Sociolinguística

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antônio Carlos Santana de Souza (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Marília Silva Vieira  
Universidade Estadual de Goiás/UEG

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Adriana Lúcia de Escobar C. de Barros (Suplente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira (Suplente)  
Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT

Campo Grande/MS, 14 dezembro de 2020.

*Dedico este trabalho aos meus filhos, Saymon e Théo Henrique, que um dia entenderão que eu mudei a vida deles, visando um futuro melhor.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me deixar tão mimada, pois sempre realiza os desejos do meu coração, por ser minha fortaleza, minha esperança, meu guia. Por ter ouvido as minhas orações enquanto eu contemplava, pela janela da minha sala, quantas oportunidades existiam lá fora. E, principalmente, por ter colocado tantas pessoas boas em meu caminho para me ajudar.

Ao meu esposo Rodrigues, meu amor, por acreditar em meus sonhos, abrir mão da nossa vida tranquila e estabilizada para se aventurar em um novo recomeço cheio de incertezas. Por me amar e me ajudar com suas palavras de incentivo e confiança. Por ser parceiro em cuidar dos nossos filhos em tantos momentos de ausência minha.

Aos meus pais, Aldenor e Ione, meus maiores incentivadores, pela ajuda e cumplicidade. À família da minha tia Maria e de minha amiga Léia, que me acolheram no momento de transição de cidade. Aos meus vizinhos, Dona Maria Helena e Seu Paulo, e aos meus pastores Eleusa e Luciano, certamente, sem a ajuda de vocês, o caminhar teria sido muito mais difícil.

Ao meu orientador, que em seu silêncio me fez buscar mais conhecimento, por suas orientações tão valiosas e por tantas vezes me puxar para a realidade me mantendo focada. Seu incentivo e elogios foram primordiais. Aos professores da UEMS, sempre tão capacitados e prestativos.

À professora Maria Ivone, professora Mari Neli e professor Álvaro, que me ajudaram no início dessa caminhada, quando o mestrado era apenas um sonho.

Agradeço pelas amizades que construí nesse período, pelas vezes que tiveram paciência comigo e por tantas outras que me ajudaram, Cristiane, Neila, Regina, Vanessa e Geiza.

Aos meus amigos informantes, que prontamente responderam ao meu questionário, tornando possível a realização dessa pesquisa, mesmo em meio à pandemia.

À UEMS, pela oportunidade de estudar e fazer parte do meu currículo.

São tantas pessoas a agradecer, imensuráveis nesse pequeno espaço.

*Eu sou forte e corajosa.  
Josué 1.9*



## RESUMO

Este trabalho buscou constatar as atitudes linguísticas presentes na fala dos migrantes residentes há pelo menos dois anos em Costa Rica - MS. Os objetivos específicos foram: identificar na fala dos migrantes a presença das variações linguísticas; compreender o fenômeno da variação linguística; identificar, mediante coleta de pesquisa, o nível de prestígio na fala dos entrevistados; compreender como eles veem a fala dos costarriquenses. A estrutura da pesquisa sociolinguística usou de pressupostos metodológicos pautados na pesquisa qualitativa para análise, e quantitativa para referenciar os dados. Para isso, utilizou-se de um questionário semiestruturado, com perguntas direcionadas a fim de contemplar os objetivos. Foram entrevistados 10 homens e 10 mulheres, de escolaridade básica e superior, entre 25 e 67 anos de idade e profissões diferentes. A escolha dos informantes não foi aleatória, tendo em vista a tentativa que contemplar todas as regiões do país. Constata-se que os migrantes viram em Costa Rica um potencial para emprego, por isso decidiram investir na cidade como nova moradia. Eles consideram a própria fala como a prestigiada e veem a fala dos costarriquenses como caipira, pelo sotaque do *r* e *s*, e pela fala calma, quase que cantando. Alguns já consideram fazer parte desse dialeto, pois estão habituados com o município a ponto de falarem com mesmo sotaque. Os migrantes de Minas Gerais e Goiás identificaram que as atitudes linguísticas da região são muito semelhantes às suas, em contraponto, os demais acharam que são totalmente diferentes. Também foi possível averiguar que a construção linguística da cidade está relacionada ao processo migratório que ajudou a influenciar as crenças e atitudes linguísticas locais. Sendo assim, a identidade cultural dos costarriquenses está ligada diretamente ao processo migratório que fortaleceu o desenvolvimento econômico, histórico, cultural e social da cidade.

**Palavras-chave:** Atitudes Linguísticas. Costa Rica. Migrantes.

## ABSTRACT

This work sought to verify the linguistic attitudes present in the discourse of migrants who reside for at least two years in Costa Rica - MS. The specific objectives were: to identify the presence of linguistic variations in the speech of the migrants; understand the phenomenon of linguistic variation; identify, through the compilation of research, the level of prestige in the speech of the interviewees; understand how they see the Costa Rican discourse. The sociolinguistic research structure used methodological assumptions based on qualitative research for the analysis and quantitative research to reference the data. For this, a semi-structured questionnaire was used, with directed questions in order to contemplate the objectives. Ten men and 10 women, with basic and higher education, between 25 and 67 years old and different professions were interviewed. The choice of the informants was not random, considering the attempt to contemplate all the regions of the country. It seems that the migrants saw employment potential in Costa Rica, so they decided to invest in the city as a new home. They consider their own speech to be prestigious and they see the Costa Rican speech as a peasant, because of the rys accent and the calm speech, almost singing. Some already consider themselves part of that dialect, since they are used to the municipality to the point of speaking with the same accent. The migrants from Minas Gerais and Goiás identified that the linguistic attitudes of the region are very similar to theirs, in contrast, the others thought that they were totally different. It was also found that the linguistic construction of the city is related to the migratory process that helped influence local linguistic beliefs and attitudes. Thus, the cultural identity of Costa Rica is directly linked to the migratory process that strengthened the economic, historical, cultural and social development of the city.

**Keywords:** Linguistic Attitudes. Costa Rica. Migrants.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Localização do Município de Costa Rica – MS .....	16
<b>Figura 2</b> - Salto do Sucuriú – Salto Majestoso .....	22
<b>Figura 3</b> - Divisão judicial da Fazenda Imbirussú.....	23
<b>Figura 4</b> - Ponte sobre o rio Sucuriú.....	24
<b>Figura 5</b> - Foto atual da Ponte sobre o rio Sucuriú.....	24
<b>Figura 6</b> - A avenida José Ferreira da Costa.....	25
<b>Figura 7</b> – Plantação de soja na Fazenda Planalto.....	26
<b>Figura 8</b> – Colheita do milho.....	26
<b>Figura 9</b> - Usina Atvos .....	27
<b>Figura 10</b> - Hidrelétrica de Costa Rica – Rio Sucuriú.....	28
<b>Figura 11</b> - Fundador do Município de Costa Rica, José Ferreira da Costa.....	29
<b>Figura 12</b> - Nosso Senhor do Bom Jesus.....	30
<b>Figura 13</b> - Santo Fujão, Capela do Senhor Bom Jesus .....	31

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Perfil sociolinguístico dos informantes – homens .....	50
<b>Quadro 2</b> - Perfil sociolinguístico dos informantes - mulheres.....	50
<b>Quadro 3</b> - Visão geral dos informantes .....	51
<b>Quadro 4</b> - Informações gerais dos informantes por região .....	51
<b>Quadro 5</b> - Organização para a análise.....	55
<b>Quadro 6</b> - Variações regionais .....	63
<b>Quadro 7</b> - Variações regionais .....	64
<b>Quadro 8</b> - Variações regionais .....	65
<b>Quadro 9</b> - Descrição do sotaque .....	69
<b>Quadro 10</b> - Visão que os migrantes têm da fala dos costarriquenses .....	71
<b>Quadro 11</b> - A fala do costarriquense.....	71
<b>Quadro 12</b> - Justificativas da escolha Sim .....	73
<b>Quadro 13</b> - Alternativas Sim e Não .....	75

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - A língua falada .....	56
<b>Gráfico 2</b> - Justificativas .....	57
<b>Gráfico 3</b> - Alternativas Sim e Não .....	59
<b>Gráfico 4</b> - Alternativas Sim e Não .....	66
<b>Gráfico 5</b> - Alternativas Sim e Não .....	68
<b>Gráfico 6</b> - Os costarrriquenses de mais idade falam diferente em relação às pessoas mais novas? .....	73
<b>Gráfico 7</b> - Alternativas Sim e Não .....	75
<b>Gráfico 8</b> - Alternativas Sim e Não .....	76
<b>Gráfico 9</b> - A própria fala ou a fala dos costarrriquenses .....	78

## SUMÁRIO

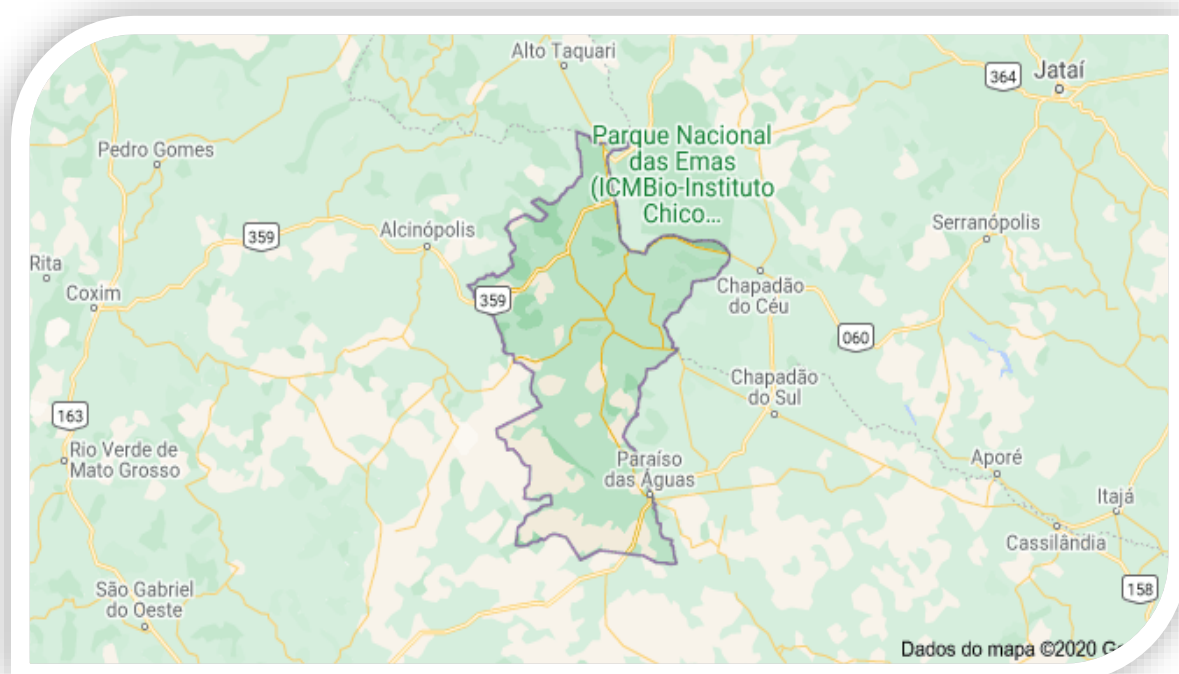
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1 BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE COSTA RICA-MS .....</b>	<b>20</b>
1.1 O processo de colonização de Costa Rica .....	20
1.2 O progresso .....	25
1.3 Religião e lendas .....	28
<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>32</b>
2.1 A sociolinguística .....	32
2.2 As formas variantes .....	36
2.3 Atitudes linguísticas: conceitos e abrangência .....	39
2.4 A sociolinguística e as atitudes linguísticas.....	42
2.5 As pesquisas brasileiras sobre atitudes linguísticas.....	44
2.6 A função das atitudes linguísticas.....	46
2.7 As mudanças linguísticas.....	47
<b>3 ASPECTOS METOLÓGICOS .....</b>	<b>49</b>
3.1 Constituição do <i>corpus</i> .....	49
3.2 Perfil sociolinguístico dos informantes.....	49
3.3 A entrevista: o questionário .....	51
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>53</b>
4.1 Breve descrição sobre como falam os costarriquenses .....	53
4.2 Exposição das análises dos dados .....	55
4.3 Item 1. Reconhecimento das atitudes linguísticas no processo migratório .....	55
4.4 Item 2: Construção linguística na fala dos migrantes .....	60
4.5 Item 3: Constatar a variação, variedade e variável .....	63
4.6 Item 4: Definição da própria fala .....	66
4.7 Item 5: Definição de como os migrantes veem a fala dos costarriquenses.....	70
4.8 Item 6: Prestígio na fala dos migrantes.....	74

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>833</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>877</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo, intitulado “Variação linguística: as atitudes linguísticas na fala dos migrantes de Costa Rica - MS”, discute a questão das atitudes linguísticas de migrantes residentes na cidade de Costa Rica, localizada ao Norte do Estado de Mato Grosso do Sul, distante 390 km de Campo Grande, capital sul-mato-grossense. Costa Rica, considerada a capital estadual do algodão e dos esportes de aventuras, faz divisa com os estados de Mato Grosso e Goiás, tem uma população de 19.695 pessoas, segundo o Censo (IBGE) de 2010.

**Figura 1** - Localização do Município de Costa Rica – MS



**Fonte:** Google Maps, 2020.

Esta pesquisa se configurou por vínculos emocionais, uma vez que a autora era, também, uma migrante em uma terra de falares totalmente diferentes dos seus, e por empatia, ao se colocar no lugar dos seus alunos, que são migrantes na cidade que ela residia, razão que a levou ingressar no mestrado para estudar a questão das atitudes linguísticas de migrantes residentes em Costa Rica.

A jornada de migrante da autora começou quando ela se mudou de Camapuã-MS para o Recanto da Emas-DF. Até, então, não havia percebido que existia diferenças na maneira de falar das pessoas, pois a seu ver era tudo igual, porque as pessoas com as quais convivia, em



sua percepção, também não tinham sotaque. Mas, ao chegar nesta cidade, as pessoas riam do seu sotaque, do “r” caipira que ela falava. Na escola, os colegas pediam para ela repetir alguns trava-línguas, como “o rato roeu a roupa do rei de Roma”, pois achavam engraçado. Na igreja, foi apelidada de “irmã Tererezinha”, pois apresentou a eles o prestigioso tereré.

Na sua construção linguística, de acordo com sua percepção leiga de estudante do ensino médio, nunca tinha ouvido falar em preconceito linguístico. Achava, na realidade, que eles falavam errado, pois misturavam ao sotaque deles os falares dos muitos nordestinos, como seu pai, que é cearense.

Depois de algum tempo, sua família voltou para o Mato Grosso do Sul e foi morar em Costa Rica - MS, cidade que a acolheu e na qual estruturou sua vida. Após anos de formação em Letras, lecionando na mesma escola da rede pública, em 2018, o conteúdo corriqueiro de variedade linguística chamou sua atenção de maneira diferente, pois alguns acontecimentos ocorridos na sala de aula retomaram ao preconceito linguístico de quando era estudante.

Essa experiência rememorada em sua vida profissional, levou-a à necessidade de melhor explorar o assunto para que os alunos pudessem valorizar a identidade deles e respeitassem a identidade de muitos migrantes que a cidade de Costa Rica recebeu nos últimos anos. A variação linguística é um conteúdo apresentado no ensino fundamental II e no ensino médio. Durante uma aula na turma do 7º ano, após sua explicação sobre esse tema, um aluno alagoano disse: “Então, o que os meus amigos fazem comigo não é *bullying*, é preconceito linguístico?”.

Partindo desse ponto, a pesquisadora resolveu elaborar aulas que abordassem o sotaque, as crenças e as atitudes linguísticas de maneira positiva, para que seus alunos observassem a sua fala de forma descritiva, e não dogmática, contexto em que propôs uma entrevista aos familiares deles, com um questionário elaborado por ela, para contemplarem as atitudes e crenças linguísticas familiares, a fim de que o sotaque fosse visto como algo prestigioso.

Dito isso, esta pesquisa configura o desejo de conhecer e valorizar os migrantes desse município, bem como o anseio de aprofundar o conhecimento e os aspectos da variação linguística dessa/nessa região.

O município de Costa Rica é um grande aporte para as pesquisas linguísticas devido ao fato de sua localização e suas influências de imigração de gaúchos, mineiros, goianos e paulistas, entre outros, que mudaram para esta cidade em busca de melhoria de vida e encontraram uma terra fértil e um lugar para prosperar devido às suas muitas riquezas.

Assim, para perfilar o tema da variação sociolinguística nesse município, esta pesquisa definiu como objeto geral: conhecer a presença das atitudes linguísticas na fala dos migrantes de Costa Rica - MS, que contribuíram para as características da fala dos moradores locais, com

a finalidade de atingir os seguintes objetivos específicos: i) identificar na fala dos migrantes a presença das variações; ii) compreender o fenômeno da variação linguística; iii) identificar, mediante coleta de pesquisa, o nível de prestígio na fala dos entrevistados; e iv) compreender como eles veem a fala dos costarriquenses.

Este trabalho está pautado na pesquisa qualitativa abordada por Bogdan e Biklen (1996), para analisar as respostas de maneira fidedigna, em que a ética é colocada em primeiro lugar; e na pesquisa quantitativa representada por Labov (2008), particularmente para analisar os gráficos com dados estatísticos, os quais contribuiram para melhor leitura e exposição das informações coletadas, além de outros aspectos do campo da sociolinguística.

O *corpus* foi construído por meio de entrevistas com sujeitos migrantes moradores em Costa Rica, nascidos em diversas regiões do Brasil, precisamente vinte entrevistados, dez de cada sexo e com escolaridades de nível básico e superior, de distintas profissões. O questionário seguiu as sugestões de Manzini (2003) sobre como estruturar um questionário e abordar o entrevistado.

Espera-se que este estudo aponte as particularidades do vocabulário dos migrantes que tanto contribuíram para o crescimento social, intelectual, econômico e linguístico de Costa Rica, para exaltar as atitudes encontradas nas falas e nas variantes registradas.

Para a exposição desta dissertação, reservamos, na introdução, as justificativas que desencadearam este trabalho, a delimitação do objeto e os objetivos deste estudo, além da metodologia aplicada na construção do *corpus*.

No capítulo 1, há um breve relato sobre o contexto histórico de Costa Rica, fatores importantes que construíram esta cidade e a ajudam a avançar rumo ao progresso. No segundo capítulo, relacionamos a parte teórica, em que tratamos sobre a Sociolinguística como valorização do indivíduo, o conceito e contextualização das atitudes linguísticas, as variações, as variantes e as variáveis que nortearam o questionário avaliado e as mudanças linguísticas.

Para o terceiro capítulo, reservamos a metodologia que envolveu esta pesquisa, a constituição do *corpus*, a escolha do *lócus*, perfil sociolinguístico dos informantes, instrumento de coleta de dados, e relatamos sobre o falar dos costarriquenses, para entendermos a visão que os migrantes possuem em relação às atitudes linguísticas dos costarriquenses, isto é, como eles veem a própria fala e a fala dos outros. Sequencialmente, realizamos a análise dos dados, e descortinamos as crenças e atitudes linguísticas de nossos entrevistados à luz da teoria sociolinguística. Por fim, apresentamos nossas considerações finais sobre a pesquisa, seguidas das referências bibliográficas e anexos.

Escolheu-se, neste estudo, analisar as atitudes linguísticas, por se acreditar que elas demonstram muito sobre a construção linguística no falar dos informantes migrantes, com o intuito de que se faça conhecer o sotaque, os dialetos, gírias e expressões que distinguem ou se assemelham ao falar dos costarriquenses.

## **1 BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE COSTA RICA-MS**

Nesta seção, apresentamos um breve relato sobre o município de Costa Rica. Para isso, é importante ressaltarmos o escritor e pesquisador Marlei Cunha, em suas narrativas históricas registradas em Cunha (1992, 2005 e 2009). Costa Rica, antes da emancipação, pertencia à cidade de Camapuã-MS, por isso os primeiros relatos são sobre o processo de colonização da cidade e os primeiros sinais de migração nesta região. O progresso parece ser uma marca que caminha com a cidade, em tão pouco tempo, Costa Rica tornou-se destaque em diversas áreas e ficou conhecida nacionalmente. A religião tem um papel importante na construção do município, ajudou na configuração de sua identidade, contribuindo para as crenças linguísticas da população. E, por fim, registra-se a maneira peculiar dos falantes dessa cidade, que recebeu os migrantes com apreço e valorização, tanto na cultura quanto na influência dos falares locais.

### **1.1 O processo de colonização de Costa Rica**

Os temidos índios Caiapós “habitavam a margem direita do rio Paraná, nas margens do rio Pardo, nas imediações de Camapuã, indo até o território de Goiás, descendo até a área do Triângulo Mineiro em Minas Gerais chegando nas mediações de Jundiáí” (CUNHA, 2005, p. 9). Eram guerreiros, robustos e ágeis, deixavam a região de Camapuã em pânico, pois atacavam os escravos e eram descritos como “tiranos, cruéis, indomáveis e traidores” (CUNHA, 2005, p. 10).

Nesse cenário, a Coroa Portuguesa queria encurtar o caminho entre Cuiabá e São Paulo, mas havia um empecilho: os índios indomáveis, atrapalhando e matando todos que cruzavam seus caminhos, acontecimento que a levou a contratar o bandeirante Antônio Pires de Campos, o Pay Pirá, para exterminar os índios e, assim, deixar livre o trânsito para a exploração de ouro entre Goiás e Mato Grosso, o que o então contratado fez com sucesso.

A região de Costa Rica foi palco para os confrontos da guerra entre Paraguai e Brasil, na fazenda Baús, região pertencente à Costa Rica, era “Um depósito de víveres mantido pelo governo de Goiás para abastecer a Guerra do Paraguai” (CUNHA, 2009, p. 16), o outro centro era Santana de Paranaíba.

O processo migratório começou quando o dono da Fazenda Baús mandou um funcionário da embaixada italiana selecionar 10 famílias italianas para prestarem serviços a ele, visando ao desenvolvimento, sendo “até um plantador de trigo, um domador de cavalos e um padeiro” (CUNHA, 2009, p. 21). Um acontecimento inusitado comprovou o que todos falavam,

que esses italianos famintos não gostavam de trabalhar. No relato de Ligia Mancini Coelho consta que o domador de cavalos caiu de um cavalo manso, pois, na realidade, nunca havia montado em um. O general Ari, muito furioso, verificou, então, que na lista constava: “domador de cavalo, tirador de leite, plantador de trigo e de uva; os demais, agricultores comuns, era falsa. Vieram: Artista de teatro (o domador), cançonetista de música popular, vagalume de cinema, e por aí vai” (CUNHA, 2009, p. 21).

A exploração das terras continuava e Taunay e sua tropa descrevem as paisagens de costa-riquenses:

É na realidade um espetáculo encantador esse aspecto dos campos do sertão, transformasse tudo num jardim gigantesco que dura poucos dias, com efeito, mas cujos esplendores não podem ser excedidos, sobretudo para lhes realçar os terrenos acidentados, como esse que íamos atravessando”. Realçam pelo perfume e delicadeza a saudade silvestre que tem os pedúnculos muito compridos e as raras folhas a algumas acácias cujas corolas infundíbulo formes são roxas ou de bonito azul e folhagens recortadas. Há uma hora e 15 minutos acampou à força, de 4 e ½ léguas de marcha, junto ao córrego do Baús, que fornece boa água. (CUNHA, 2009, p.17).

No relatório do Tenente Dias de Castro registra-se que ele e sua tropa, em exploração ao rio Sucuriú, demorou três dias e meio para descer, o que custou a eles dezessete dias para subir, conforme relato presente em Cunha (2009):

No dia 13 de marco, principiei a subir o Rio Sucuriú e, logo acima da barra, encontrei uma cachoeira a passar e fiz pouso em uma ilha. A 14, encontrei uma correnteza e uma cachoeira, todas difíceis de passar e, acima destas, faz barra um ribeirão do lado esquerdo e, pouco depois, do lado direito. A 15, encontrei uma cachoeira grande, e, acima, um baixio de trabalhosa passagem. A 16, foi boa a navegação. A 17, encontrei um braço pelo lado esquerdo que, parece, seria pouco menos da metade do rio. A 18, encontrei duas cachoeiras e, acima destas, um salto grande. A 19, vareei as canoas no dito salto, até as quatro da tarde e, continuando, encontrei uma comprida correnteza com duas cachoeiras, uma no princípio e outra no fim. A 20, encontrei uma correnteza tão comprida e veloz que se levou quase o dia todo em a passar. A 21, foi boa a navegação. A 22, encontrei uma correnteza. A 23, no lado esquerdo, encontrei uma aldeia de índios caiapós. A 25, encontrei um braço do rio do lado direito e deixei-o. A 26, outro do lado esquerdo e, mais acima, dois em forma de forquilha. Tomei o da esquerda na forma do roteiro que levava. A 27, foi boa a navegação. A 28, observei alguns terrenos mais elevados e pela tarde se dividiu o rio, e ainda subi o resto pelo braço esquerdo. E, voltando pela estreiteza do mesmo, então entrei pela direita. (CUNHA, 2009, p. 13).

**Figura 2** - Salto do Sucuriú – Salto Majestoso



**Fonte:** Costa Rica (2020)

A outra fase dessa narrativa começa com os relatos de Cunha (2009). Assim, após Rita Paula de Souza ficar viúva nas proximidades de Campo Grande, ela manda o seu filho mais velho, Aparício Carvalho de Souza, e o seu genro, José Ferreira da Costa, procurarem uma terra para eles comprarem e se mudarem com toda família. O motivo não era a busca pelo ouro, mas fugir do vexame de ver sua filha Zulmira, professora, engravidar de Basílio Pereira, que logo fugiu ao ser coagido a se casar.

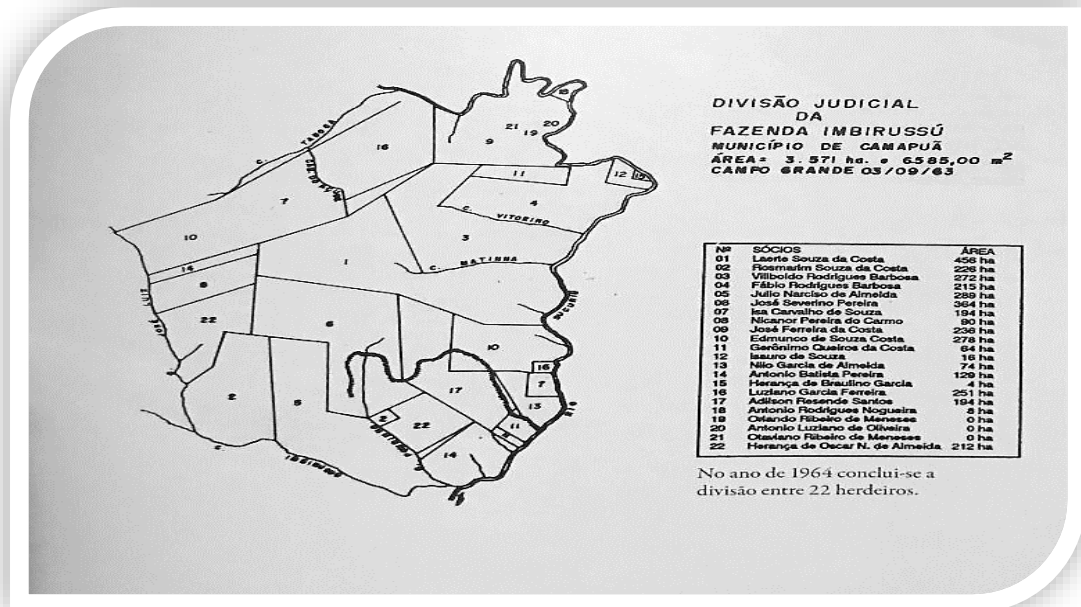
Com grandes dificuldades por enfrentar uma terra selvagem, os dois moços chegam à margem do Rio Sucuriú e compram a fazenda que nomearam de Imbirussú (Embiruçu). José Ferreira da Costa e Joaquim Faustino Rosa tinham a intenção de fundar uma cidade.

Divisão da Fazenda Imbirussú, feita em 1963, ocasião do inventário do espólio de Rita Paula de Souza. quando tocou 256 hectares para José Ferreira da Costa direitos pelo casamento com Juvelina Carvalho de Souza, terra que deu origem a cidade de Costa Rica. Segundo depoimento de memórias neste mesmo trabalho de medição foi feito o primeiro loteamento idealizado por José Ferreira da Costa que deu origem a cidade de Costa Rica. (CUNHA, 2009, p. 188).

Em 1961, reservaram uma parta da fazenda, objetivando os “159 lotes de terrenos com várias dimensões. Os referidos lotes acham-se divididos em quadras com ruas traçadas, locais apropriados para praças, reservas para edifícios públicos, campos de aviação, constituindo tudo um verdadeiro patrimônio”. (CUNHA, 2009, p. 190). A visão empreendedora de José Ferreira da Costa foi importantíssima, pois, mesmo com toda dificuldade da época, ele acreditou que

seria possível, naquela pequena vila, instalar uma comunidade de pessoas trabalhadoras e visionárias.

**Figura 3 - Divisão judicial da Fazenda Imbirussú**



Fonte: Cunha (2014, p. 11)

Costa Rica, nessa época tinha o nome de *Cacête Armado*. Algumas versões são registradas por Marlei Cunha para justificar esse nome recebido, uma delas é que Sebastião Carrijo tinha um boteco onde vendia produtos industrializados vindos de Uberlândia, mas as mercadorias tinham um valor muito alto, logo os moradores falavam que era uma cacetada, a venda era um cacete armado. Outra, é que existiam muitos cachorros na rua, por isso era necessário andar com um cacete, um cacete armado (CUNHA, 2014).

Com a construção da ponte sobre o rio Sucuriú ligando as fazendas Imbirussú a São Luís, e com a aceitação das pessoas, “o povoado se tornou Distrito de Camapuã em 21 de janeiro de 1964 (Lei 2.132) e elevado à categoria de município (Lei 76, de 12 de maio de 1980), com desmembramento de porções dos municípios de Camapuã e Cassilândia”(COSTA RICA, 2013). Em 12 de maio de 1980, Costa Rica é emancipada.

**Figura 4** - Ponte sobre o rio Sucuriú



**Fonte:** Cunha (2014, p. 14)

**Figura 5** - Foto atual da Ponte sobre o rio Sucuriú



**Fonte:** Aldenor Moreira (2020)

O início foi muito difícil devido à febre amarela, que matou muitas pessoas na região, e fez com que várias famílias fugissem para outras terras para tentar evitar a fatalidade. Mas, aos poucos, Costa Rica desenvolvia-se e chegaram os primeiros moradores e comerciantes. Os sulistas vieram trazendo desenvolvimento e plantando lavoura de soja, milho e algodão. A



participação dos sulistas no progresso dessa cidade pode ser vista até nos dias de hoje por sua importância na economia, cultura e religião.

José Ferreira da Costa contraiu segundo matrimônio com Dona Maria Tosta Barbosa. Em 1983, ele faleceu em Goiana, mas foi velado e sepultado em Costa Rica, lugar onde realizou o seu sonho de fundar uma cidade, ajudando mulheres sem marido e pobres, doando a eles alguns lotes (CUNHA, 1992). Este desbravador é lembrado com apreço e admiração por deslumbrar, à beira do Rio Sucuriú, um grande potencial que até hoje está em desenvolvimento.

**Figura 6** - A avenida José Ferreira da Costa



Fonte: Costa Rica (2020)

## 1.2 O progresso

O bandeirante Pascoal Moreira Cabral, em 1718, descobriu ouro na localidade de Mato Grosso, mas os índios Caiapó, Guaicuru e Paiaguá atrapalhavam a locomoção das tropas em busca de ouro, assim, a Coroa Portuguesa providenciou:

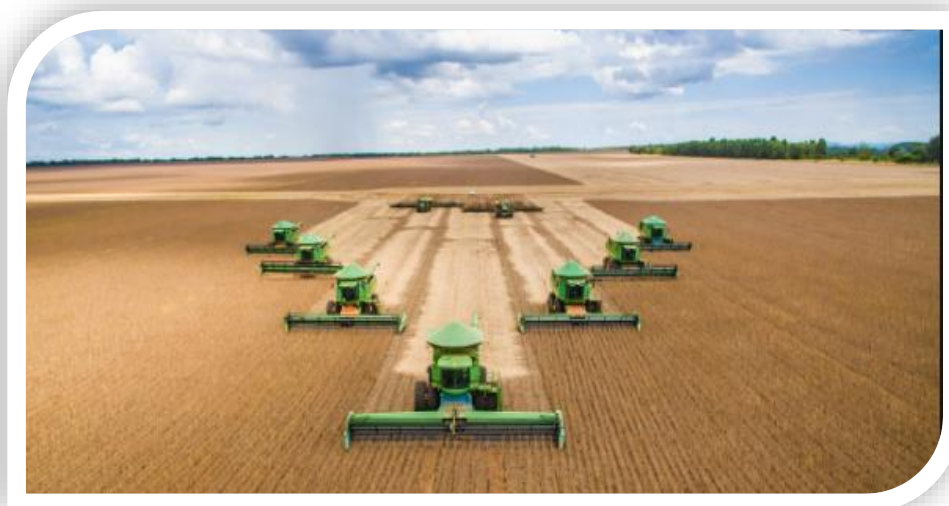
[...] abertura de estradas via terrestre que ligasse São Paulo à Cuiabá. A primeira estrada passava pelo estado de Goiás. A segunda opção passou pelo triângulo mineiro e depois abriram as picadas até a barranca do rio Paraná e de lá até o Piquiri e deste arraial, que era um posto militar, havia picadas até Cuiabá. Este roteiro que passa pelo município de Costa Rica, deu origem a MS-306. (CUNHA, 2009, p. 25).

Este foi o primeiro ciclo, o outro importante foi chamado Ciclo de Gado ou Civilização de Ouro, que, além de fornecer a carne e o leite, os gados serviram de auxílio aos escravos nos engenhos de açúcar. Assim, Joaquim Francisco Lopes, em 1836, dá posse a Gabriel, seu irmão, na região do Paraíso, na cabeceira do rio Sucuriú, onde iniciou o ciclo pastoril (CUNHA, 2009).

A soja teve uma importante participação na economia de Costa Rica e região. Conforme comentado, os pioneiros foram os sulistas, e os primeiros gaúchos chegaram em 1979, contexto em que vale ressaltar a participação de Romeu Eloi Schmalz, que ajudou a expandir o cultivo da soja na região.

A plantação do Romeu atingiu um patamar de 1000 hectares, dividindo entre plantação das culturas de soja, milho e algodão como cultura de inverno, investiu na plantação de trigo, milho e sorgo. Na área do trigo, implantou em 1995, uma indústria de processamento de trigo produzindo farinha com as marcas: Detrigo e Monalisa. (CUNHA, 2009, p. 46).

**Figura 7** – Plantação de soja na Fazenda Planalto



Fonte: SLC Agrícola (2018)

**Figura 8** – Colheita do milho



Fonte: SLC Agrícola (2018)

A cana também esteve presente na economia da cidade, mas há muito tempo, quando os senhores de engenhos escravizaram os africanos para vender açúcar para a Europa. Esse ciclo voltou a vigorar com a implantação da Brenco - Companhia Brasileira de Energia Renovável - Usina Bioenergia Triunfo, fundada em 2007, em Costa e Alcinópolis. Em 2011, deu início a operação em Costa Rica, com a produção de Açúcar VHP, Energia Elétrica, Etanol de Cana Anidro, Etanol de Cana Hidratado. Em 2013, a ETH muda de nome para Odebrecht Agroindustrial e, em 2017, modifica a marca para Atvos (ATVOS, 2017).

Com a chegada da Brenco, atualmente Atvos, pessoas de todas as localidades do Brasil descobriram em Costa Rica uma fonte de renda para suas famílias, a cidade teve uma crescente na economia, muitos alagoanos vieram para trabalhar, misturando, assim, as culturas e as atitudes linguísticas locais.

**Figura 9** - Usina Atvos



**Fonte:** Campo Grande News (2019)

Um marco importante foi a construção da hidrelétrica no rio Sucuriú, segundo Silea:

Em 1998 a usina iniciou sua operação comercial. A Costa Rica Energética Ltda. possui autorização, através da Resolução ANEEL N° 468/2001, para explorar o potencial hidráulico até o ano de 2031. Com potência instalada de 16,00 MW, a usina hoje está em pleno funcionamento.

A Pequena Central Hidrelétrica Costa Rica, localizada no rio Sucuriú, Município de Costa Rica, estado de Mato Grosso do Sul, produz energia sem deixar de lado a preservação da natureza. As ações de apoio ambiental ao município de Costa Rica incluem a contribuição financeira para a implantação do Parque Municipal Salto Sucuriú e um programa de reflorestamento da vegetação nativa da região do entorno da usina. A PCH contribui também para o desenvolvimento social da região, com ações de caráter educativo, socioambiental e de lazer (SILEA, 1999, *on-line*).



**Figura 10** - Hidrelétrica de Costa Rica – Rio Sucuriú



Fonte: Silea (1999)

### 1.3 Religião e lendas

Em meados de 1955, com a rápida crescente de Costa Rica, alguns freis saíam a cavalo de Camapuã (MS) para catequisar os costarriquenses, porém, pela exaustiva viagem, as visitas eram raras, mas, quando o Frei Vicente assumiu a Paróquia São Sebastião de Camapuã, este construiu uma igreja de alvenaria em Costa Rica e a consagrou ao Santo Antônio, rogando-lhe proteção. Embora as visitas do Frei passassem a ser mais frequentes, em torno de duas vezes ao ano, a população crescia em fé. Assim, o Pe. Hermógenes João Scopel foi o primeiro a residir em Costa Rica, em 1975, e atendia toda a região e fazendas (CUNHA, 2009).

José Ferreira da Costa era devoto do Divino Pai Eterno, por isso,

[...] levantavam o mastro. Era alegria, churrasco e festa na região do Jauruzinho e fazenda Cachoeirinha. Na região do Sucuriú, no início da década de 60, todos os primeiros domingos de julho, Santo Divino Pai Eterno, era festejado. Faziam uma folia e saíam com a bandeira arrecadando prendas e em seguida a festa com leilão. (CUNHA, 2009, p. 466).

Porém, foi trazido outra imagem de santo, agora Santo Antônio, o que aborreceu o fundador da cidade, já que tinha doado o terreno e construído uma capela para o seu santo favorito. Até os dias de hoje, os dois santos são festejados na região.

**Figura 11** - Fundador do Município de Costa Rica, José Ferreira da Costa



**Fonte:** Aldenor Moreira (2020)

Outra história que merece registro é do santo Senhor Bom Jesus, mais conhecido como o Santo Fujão. Está registrado em Cunha (2009), e recebeu repercussão no documentário feito pelo programa “Meu Mato Grosso do Sul”<sup>1</sup>, em 2015.

Conta a lenda que o Major Martin Gabriel de Melo Taques, e sua esposa, Ana Fausta Garibaldina de Melo Taques, ao chegarem na Baús com o santo Senhor Bom Jesus, construíram uma capela para guardar esta e outras imagens, em 1938. Após a morte de Dona Ana, o Major resolveu voltar para São Paulo, mas, no caminho, um raio atingiu o carro de boi que estava o santo. Ele acreditou que seria um sinal de sua esposa para voltar e deixar a imagem na região. Assim, os moradores construíram outra igreja para melhor conforto do santo, porém, sempre ao amanhecer, os fiéis notaram que a imagem voltava para a antiga capela. Para resolver de uma vez o problema, cortaram os pés do santo e, desde então, ele nunca mais fugiu. (ASSECOM, 2019).

A celebração do Santo Fujão continua até os dias atuais, e, no mês de agosto, acontece a seguinte programação:

---

<sup>1</sup> Pode ser acessado em: <http://gshow.globo.com/TV-Morena/Meu-MS/noticia/2015/10/santo-com-fama-de-fujao-atrai-grande-devocao-na-regiao-de-costa-rica.html>.

Na sexta feira acontece uma “missa especial de abertura, sobe o mastro e declara abertura da festa com o Baile Leilão de Prendas. No sábado (03) a programação continua após a missa, e na madrugada de domingo (04) centenas de devotos e pagadores de promessa percorrem [a pé] 22 quilômetros de Costa Rica até a Capela. No caminho, encontra 15 estações – pequenas capelas, onde os fiéis exercem a fé e renovam forças para seguir o caminho. Além da caminhada a pé, há grupos de cavalgada e ciclismo com partidas em horários distintos, mas com o mesmo intuito: celebrar e agradecer ao Senhor Bom Jesus. A festividade se encerra no domingo com grande almoço e Leilão de Gado (ASSECOM, 2019).

**Figura 12** - Nosso Senhor do Bom Jesus



**Fonte:** Cunha (2014, p. 26)

Esta festa mobiliza toda a cidade, pois os devotos percorrem todo o caminho a pé, em busca de um milagre, ou agradecer por uma bênção recebida. Essa marca de crença linguística pode ser explicada da seguinte maneira: “as crenças são um conjunto de convicções que o indivíduo tem sobre si mesmo” (BEM, 1973, p. 12). É com esta fé que fazem idosos e até crianças buscarem as respostas para o que construíram no cognitivo.

**Figura 13** - Santo Fujão, Capela do Senhor Bom Jesus



**Fonte:** Costa Rica (2020)

Costa Rica é uma cidade com muitas histórias antigas, causos que o povo conta e jura ser verdade, histórias de assombração, lendas e folclore muito forte, que, não temos percebido ter uma continuidade para a geração mais nova, mas os idosos afirmam com veemência que já viram e participaram de muitas delas.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos os preceitos teóricos da Sociolinguística, os fundamentos que a constituem, particularmente a teoria Variacionista de Labov (2008), para quem a língua não é homogênea. Além disso, somamos as contribuições de pesquisadores como Coelho (2010), Calvet (2002) e Cavalcante (2011). O objeto da pesquisa da Sociolinguística laboviana é a relação entre a língua, a sociedade, as influências internas e externas, construídas com aspectos norteadores do social para a bagagem cultural do falante, que prioriza a formação da identidade do entrevistado.

Em continuidade, o fenômeno das mudanças linguísticas apontam para a variação, em que Calvet (2002) e Coelho (2010) expõem sobre as diversas variações que possibilitam a existência das variedades e das variantes, que se enquadram nos aspectos sociais, regionais, históricos, e outros que influenciam na fala e nas atitudes linguísticas, essas últimas apresentadas pelos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972) como a maneira coerente de pensar, sentir e reagir, a visão que a pessoa tem de si mesma.

Para Bem (1973), as atitudes linguísticas estão ligadas ao cognitivo, o que significa que pode haver empatia entre as pessoas. Lambert e Lambert (1972) mostram que existe uma função para as atitudes linguísticas, que é a percepção em relação ao outro, logo, afeta o comportamento, pois as escolhas partirão de acordo com as crenças e como as pessoas se enquadram no grupo social. Na abordagem laboviana, a variação é inerente às línguas e ligada diretamente à noção de heterogeneidade – as línguas são sistemas heterogêneos – que, no entanto, não provoca um caos linguístico.

A heterogeneidade é organizada ou sistematizada, isso nos leva a comprovar que mesmo tendo variedades linguísticas distintas, elas não interferem na boa comunicação. Dessa forma, é esse fenômeno que ocorre em cada língua, que faz dela um sistema heterogêneo, ao lado de regras categóricas, as quais podem ser investigadas por meio de ferramentas metodológicas da pesquisa sociolinguística (COELHO, 2010).

### 2.1 A sociolinguística

Muitas são as marcas registradas de uma nação, sua cultura, a região, política e a língua para comunicar e interagir com o outro. Logo, a maneira de falar faz parte da identidade da pessoa, pois, por meio dela, é possível concluir muitas coisas sobre o falante, inclusive, a qual



região ele pertence, o seu grau de escolaridade, sua conduta mais formal ou informal, de qual grupo linguístico participa, e seu nível de prestígio perante os demais falantes.

Quando Ferdinand de Saussure decide “elaborar um modelo abstrato, a língua, a partir dos atos da fala” (CALVET, 2002, p.11), ele entende que a “linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”. Isso significa que, embora exista um sistema de signos e uma estrutura, os aspectos sociais de natureza individual, ou seja, a língua realizada na fala, não determina esse sistema, pois são as estruturas internas desse sistema o foco de investigação do estudioso, considerado por ele imune a variações.

Para a Sociolinguística, a língua é algo muito mais amplo e está sujeita a mudanças e variações, que se dão por várias influências. “A partir da década de 60, como herança de Meillet, a noção de língua como fato social dinâmico volta a ganhar destaque, pois a variação é explicada pela mudança social, por forças externas” (COELHO, 2010, p. 16). Labov considerou Meillet para enquadrar suas experiências a respeito do estudo sociolinguístico, dando início, assim, à Sociolinguística Variacionista, cujo objetivo era “um novo olhar sobre a estrutura das línguas e especialmente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguísticas” (COELHO, 2010, p. 20).

De acordo com Romaine (1994 apud MONTEIRO, 2008, p. 25), o termo Sociolinguística foi cunhado no ano de 1950 para representar “[...] as perspectivas conjuntas que os linguistas e sociólogos mantinham face às questões sobre as influências da linguagem na sociedade e, especialmente, sobre o contexto social da diversidade linguística” (MONTEIRO, 2008, p. 25). Logo, a função da Sociolinguística é valorizar a identidade que é construída através do tempo e que fica registrada na fala, estudada como um fenômeno, sem a intenção de julgamentos e pré-conceitos sobre ela. O objeto de estudo é a própria língua, contudo, com a visão de que outros elementos, como a sociedade e a história, interferem e influenciam no modo do sujeito falar, busca analisar o motivo pelo qual uma comunidade linguística fala de determinada maneira.

A percepção de William Labov (2008) é a de que a língua e a sociedade se inter-relacionam, há um acolhimento da língua para servir de comunicação entre as pessoas que interagirem, ela serve de expressão como marca cultural. Para Labov, é impossível estudar a língua sem a fala, pois a fala pertence a cada indivíduo, por isso a sociedade muda seus padrões de comportamento com atitudes linguísticas que não são condicionadas à língua.

Labov constatou que os aspectos internos e externos são vistos como influenciadores da fala, conforme a sua pesquisa sobre a centralização do ditongo entre os nativos da ilha e os turistas. Como evidencia Tarallo:

É evidente que a centralização do ditongo em Martha's Vineyard é somente um dos traços linguísticos que definem a língua falada na ilha. Os exemplos relatados sugerem, portanto, que a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade. (TARALLO, 1990, p.15).

Após fechar seu estudo, Labov chegou à conclusão de que a língua é heterogênea e que é possível conceber nela as variedades linguísticas cabíveis às mudanças, por uma nova concepção da língua, sem conservadorismo, pois cada indivíduo tem a sua própria convicção da fala e sua construção linguística. A Sociolinguística tem como objeto de estudo, ainda, o modo de agir dos falantes, os valores, os costumes, considerados importantes e que de certa maneira revelam as crenças e as atitudes linguísticas.

Nesse sentido, se uma pessoa constantemente muda seus pensamentos, crenças e concepções, a língua também vai transportando e rompendo os paradigmas que ficam condicionados às variações linguísticas, o que significa que a língua se adequa a alguns componentes importantes que norteiam a variação: o histórico, o social, o regional e seu próprio uso.

Segundo Coelho (2010), a língua é heterogênea pelo fato de os “indivíduos de uma comunidade se entenderem, se comunicarem, apesar das variações ou diversidades linguísticas” (COELHO, 2010, p. 23). Essas variações não atrapalham a comunicação, pois, embora em uma comunidade de fala possa existir falares diferentes, uma palavra pode ter vários significados, este não é um fator de desvalorização, apenas que alguns traços de comportamentos linguísticos, eventualmente, mudam.

O conjunto de Variedades Linguísticas utilizado por uma comunidade é chamado de repertório verbal. Qualquer língua, falada/sinalizada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Nenhuma língua apresenta-se como entidade homogênea, todas são representadas por um conjunto de variedades (CAVALCANTE, 2011, p. 247).

As concepções da língua variam na situação de fala, no modo de funcionamento da linguagem, logo, a mesma pessoa pode falar de formas diferentes, dependendo do ambiente em que esteja. Essas situações de fala podem ser formais ou informais, padrão ou culta, ou simplesmente coloquial. Obviamente que um advogado participando de um júri usará o nível da norma culta de prestígio ao máximo, no entanto, quando este mesmo advogado estiver em uma roda de amigos, ou no seio familiar, o grau de monitoramento da fala será diferente, sem a preocupação de falar tão corretamente diante da linguagem formal.

Nessa direção, o local onde ocorre a fala mostra as diferenças sociais por apresentar a situação da fala de prestígio, posto que, quando um advogado se apresenta, ele usa expressões

diferentes que uma boa parte da população não entenderia, aumentando o seu prestígio diante da língua, devido à adequação necessária a ser feita no momento.

Labov entende que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (*apud* Calvet, 2002, p. 29). Alguns fatores-chave são apontados sobre as dimensões citadas: “a identidade social do falante, a identidade social do destinatário e o contexto” (CALVET, 2002, p. 30). A identidade do falante acarreta muitas coisas, suas vivências e preferências que constroem suas atitudes na fala e sua postura diante das situações e de como ele reage diante da fala dos outros.

Para que haja uma boa comunicação, não somente é importante que a mensagem seja emitida de maneira clara, mas quem irá recebê-la também deverá estar atento, pois este tem suas próprias influências sociais, logo, o contexto deverá ser apropriado para não haver divergências na situação de fala. Conforme explica Coelho:

O fenômeno cujo comportamento a Sociolinguística busca desvendar são as regras variáveis da língua: as regras que permitem que, em certos momentos, em certos contextos linguísticos e sociais, falemos de uma forma, e, em outros contextos, de outra forma. (COELHO, 2010, p. 24).

Isso implica um monitoramento da língua, porque se um médico, ao consultar um paciente, usar termos técnicos para explicar o seu diagnóstico, certamente a maioria das pessoas, mesmo as letradas, não terão a compreensão eficaz, por não fazerem parte da comunidade de fala dos profissionais da medicina. Essa comunidade de fala tem suas características próprias, que geram a variedade linguística.

As variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33).

São muitas as situações em que isso acontece e pode ser visto como problema, já que a fala de prestígio é formada por valores que nem sempre são bem-intencionados ou compreendidos. Assim, uma pessoa de fala simples, sem o uso das regras gramaticais, tende a achar que a sua fala é inferior às que são faladas em certas comunidades de maior poder econômico, por exemplo.

A sociedade reflete um conjunto de variedades existentes na língua. É evidente a existência de variedades de prestígio e de variedades não prestigiadas nas sociedades em geral. Tradicionalmente, o melhor modo de falar e as regras do bom uso

correspondem aos hábitos dos linguísticos dos grupos socialmente dominantes. Na tradição ocidental – a variedade padrão (CAVALCANTE, 2011, p. 250).

Quando alguém é rotulado pela sua maneira de falar, a discriminação é tanto por sua identidade quanto pelos aspectos sociais, mais ressaltados principalmente pelos econômicos. A variante *bassora* é tão compreendida quanto a variante padrão *vassoura*. Ambos têm o mesmo valor, uma de prestígio e a outra não. Amaral (1976) explica que essa é uma variação registrada na fala caipira, [b]assora, que “Para o caipira tal sincretismo não existe: os vocábulos [ou e oi] onde esses ditongos aparecem são pronunciados sempre de um só modo. (AMARAL, 1976, p. 7).

Entendemos, então, que “Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático” (MOLLICA, 2003, p. 11). Embora ocorra este estudo, os sociolinguísticos não buscam padronizar os falantes e nem os rotular num conceito de certo ou errado, tão pouco colocar suas próprias impressões no fenômeno estudado, mas garantir que os mecanismos linguísticos possam interagir com novos elementos que, muitas vezes, levam às mudanças linguísticas.

Ao analisarmos os trabalhos dos alunos, com as primeiras entrevistas que eles gravaram das falas de seus familiares, descobrimos que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo que as teorias tradicionais não estavam preparadas para lidar. As ferramentas para estudar a variação e a mudança sincrônica surgiram de situação desse tipo.

## 2.2 As formas variantes

A variação linguística apresentada por Labov é definida por Tarallo como “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor” (TARALLO, 1986, p. 8). Esta afirmação mostra, mais uma vez, que a língua não é homogênea, e em cada comunidade de fala existe uma palavra que pode ser empregada ou entendida diferentemente das demais. Ao conjunto dessas variedades denomina-se variável linguística.

Variável é o “conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...) e por variante cada uma das formas de realizar a mesma coisa” (CALVET, 2002, p. 90). Para Tarallo, o “conjunto de formas linguísticas que compõem uma variável pode ser: padrão, não-padrão, conservadora, inovadora, estigmatizada e de prestígio”. (TARALLO, 1986, p. 88). A variável padrão é estudada na escola e frequentemente é vista

como prestigiosa por parecer melhor, mais bonita de se falar e de se entender, fazendo com que as classes menos escolarizadas sejam desfavorecidas.

A variante é o que difere a variável, portanto, em alguma região, a variável é compatível com um grupo, mas pode ter sentido totalmente diferente para outro, de modo que “duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo constituem, pois, uma variável linguística” (MONTEIRO, 2008, p. 59). A variante é o que difere o sotaque que as várias regiões do Brasil possuem, contexto em que cada uma tem um quadro de variações presentes na fonética e no significado. Conforme destaca Tarallo, “A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (TARALLO, 1986, p. 8). A variedade linguística é manifestada verbalmente assumindo o papel linguístico de cada pessoa, no contexto social e histórico, podendo abranger o fator geográfico, e outros mais a destacados neste estudo.

O fator histórico, ou variação linguística diacrônica, pode ser explicado como: “A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas” (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 34). Refere-se à evolução da língua no decorrer do tempo, em que palavras que sofreram grandes transformações, como *vossa mercê*, um pronome de tratamento, passam a fazer parte do português arcaico de uso desuso dela, tendo em seu lugar uma outra forma atualizada, *você*, um pronome pessoal de tratamento cuja acepção remete a um contexto de intimidade, familiar, e que vem apresentando outras variantes, como *ocê* e *cê*, apontando um processo de mudança linguística.

De acordo com Coelho, “variável corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação” (COELHO, 2010, p. 26). No caso da variável de segunda pessoa do singular, o pronome *tu*, em algumas regiões do Brasil, ainda é bastante recorrente, como na fala dos gaúchos, entretanto, em Mato Grosso do Sul, e na maioria das regiões do país, ele é substituído por *você*, fenômeno que pode ser explicado da seguinte maneira: “variantes são as formas individuais que “concorrem” em uma variável” (COELHO, 2010, p. 26). Há regiões brasileiras em que as formas *tu* e *você* são empregadas distintamente, como em Belém, em que o verbo concorda com a segunda pessoa do singular, *tu compras*. Atualmente, notamos a variação *ti* como pronome de tratamento referindo-se a *você*.

Outras palavras ou expressões caíram em desuso na língua do português brasileiro em razão das mudanças de hábito cotidianas de seus falantes, dando lugar a novas palavras, as quais, no início, podem ser tomadas como erro, consideradas chulas, enfrentar resistência, mas, aos poucos, se impregnam e passam a fazer parte do discurso das pessoas. Um exemplo clássico é a variação do pronome *nós*, em que a forma *a gente* é usada para substituí-lo, sendo conjugada

com o verbo na 3ª pessoa do singular, *a gente* quer comprar. A língua é dinâmica, está sempre sendo modificada, como ocorreu nas mudanças ortográficas de palavras que eram escritas com *h*, como *gothica* ou *pharmacia*, as quais sofreram alteração em sua grafia, atualmente escritas *gótica* e *farmácia*.

Já a variação regional, Calvet (2002) chama de variáveis geográficas, o fator diatópico, em que uma palavra pode receber outros nomes de acordo com a região do país, a exemplo do pão francês, conhecido em Mato Grosso do Sul, mas no Rio Grande do Sul recebe o nome de cacetinho.

Bortoni-Ricardo explica que no “no Brasil, a variação regional se manifesta mais na pronúncia de alguns sons, no ritmo, na melodia e algumas palavras” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 30). Isso acontece porque cada região possui a sua própria variação vocabular, que pode ser influenciada, também, por sua localização, sobretudo em cidades fronteiriças. Como exemplo, as regiões praianas possuem uma certa particularidade e gingado nas palavras, como acontece no Rio de Janeiro, mas em Mato Grosso do Sul é bem diferente, os sotaques são distintos.

Em cada região do Brasil, o /r/ é pronunciado de maneira diferente, como em Mato Grosso do Sul e interior de São Paulo, em que a impressão que se tem é que este /r/ possui uma extensão, com uma pronúncia mais duradora, o chamado /r/ caipira, uma marca regional muito fácil de ser identificada, basta pronunciar a palavra *porta*.

Embora, cada pessoa tenha seu repertório linguístico, “a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes” (COELHO, 2010, p. 25), pelo contrário, a maneira como cada pessoa fala demonstra os aspectos norteadores de sua bagagem cultural e familiar.

As variações sociais estão relacionadas aos grupos sociais, assim, cada grupo tem a sua maneira própria de comunicação, costumes, atitudes e crenças linguísticas, inclusive, a cultura, com elementos que distinguem esses grupos. “A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala” (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 34). Para uma pessoa fazer parte desse grupo, ou podemos chamar de comunidade de fala, algum aspecto de interesse em comum deve haver, podendo ser pelas crenças, pelo estilo de vestimenta, pelas atitudes linguísticas em comum, algo que tenha valor para ela, que faça sentido para ela se envolver e que haja uma identificação.

As gírias presentes nos falares dos adolescentes fazem com que a comunicação seja marcada para criar uma identidade ao falante, um sentimento de pertencer ao grupo. Algumas

expressões de língua estrangeira estão presentes no vocabulário dos jovens brasileiros, como *crush* ou *stankear*, assim como outras, que são usadas principalmente no meio eletrônico, forma de marcar um contexto linguístico da internet.

Os jargões também fazem parte desse grupo. Na região Centro-Oeste, a expressão *trem* pode ter muitos significados, como um objeto que não se sabe ou não se lembra o nome, um sentimento estranho, ou outros, influenciados pelos mineiros. A variante *pior*, ao contrário do que se imagina, significa *verdade*, ou o fato de concordar com alguém.

Alguns jargões relacionam-se aos profissionais de cada área, como mencionamos. Assim, os policiais possuem seus próprios jargões, diferentes dos usados pelos cientistas. As gírias, assim como os jargões, mantêm relação direta com os aspectos sociais, e são eles determinantes nesse processo de variação, como a classe social, idade, sexo, situação ou contexto social (MUSSALIM; BENTES, 2006). Nesse sentido, os homens possuem um vocabulário diferente do da mulher, inclusive suas gírias não são as mesmas (SANTANA; NEVES, 2015). A classe social também desempenha papel importante no fenômeno da variação linguística, pois há uma visão equivocada de quem tem mais poder político e social fala melhor que uma pessoa com menos estudo.

Outro mito é o de que a fala da cidade grande é mais prestigiosa que a variedade ou discurso do interior, em que esses são tomados como estereótipos, desvios da fala de referência, variações linguísticas discriminadas, motivo de piadas. No que diz respeito à idade, é perceptível ouvir pessoas de idade avançada ainda falarem expressões que usavam quando eram adolescentes, como *broto*, *pão* e outros, enquanto adolescentes buscam usar o vocabulário padronizado de seu grupo, uma marca de identidade para eles. Diferentes grupos sociais, religioso, esportivo, escolar, entre outros, também procuram registrar e priorizar, como marca, as atitudes linguísticas de seus grupos.

### **2.3 Atitudes linguísticas: conceitos e abrangência**

A ideia de que o Brasil é um país monolíngue é interrompida quando observada a variedade do português misturada aos falares dos migrantes, aos idiomas das fronteiras, à língua de sinais (LIBRAS) e às línguas indígenas, em que, nestas últimas, segundo o Censo 2010 (p. 90), “foram contabilizadas 274 línguas indígenas faladas no Território Nacional e 305 etnias diferentes”, mostrando que a pluralidade linguística é uma marca da nação brasileira.

A língua portuguesa falada pelos brasileiros é um misto de muitas variedades e dialetos espalhados em todo o território nacional. A variedade linguística representa a riqueza de um

povo, que propaga, a cada geração, o contexto histórico e social no qual é envolvido. Nesse processo, mesmo com influências externas, muitas famílias ainda preservam à sua maneira peculiar de falar.

Os estudiosos da sociolinguística buscam pesquisar, de maneira singular, a identidade de cada falante, de modo que a teoria apresentada por Labov em 1972 contribuiu para avançar nos estudos da diversidade linguística, nos reflexos das atitudes linguísticas na fala e na vida, pois, como destaca Fernández, “a língua traduz a concepção de cultura e de pensamentos de seus falantes” (FERNÁNDEZ, 1998, p. 195). Nesse sentido, compreender as atitudes linguísticas, categoria estudada pela Sociolinguística, requer que nos encaminhem aos estudos da Psicologia Social, responsável por forjar o termo e apresentar os primeiros estudos sobre o tema, nas pesquisas de Lambert e Lambert (1972).

De acordo com Lambert e Lambert (1972), a Psicologia Social compreende “o estudo dos indivíduos, examinados no seu enquadramento social e cultural” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 7), em que o mundo social os afeta no seu comportamento, bem como influencia seus modos de interação. Desse modo, as atitudes linguísticas estão relacionadas ao meio social, à forma como o indivíduo interage com ele, e é afetado por ele nos seus relacionamentos interpessoais, como se manifesta aos estímulos que o meio lhe proporciona.

Observa-se que diferentes ambientes geram diferentes reações nos falantes, afetando seu comportamento, que se reflete na manifestação de suas atitudes linguísticas, as quais podem causar estranheza ou desconforto, em que “o preconceito destaca os componentes essenciais que encontramos em todos os tipos de atitudes” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78). Nesse sentido, a atitude pode gerar preconceito, marcado na identidade do falante.

As atitudes linguísticas estão relacionadas às crenças linguísticas, logo, as duas acontecem no cognitivo da pessoa que exterioriza os seus pensamentos e sentimentos com as crenças que acredita ser verdade. Essas atitudes demonstram como a pessoa lida com as ações das outras, no que elas acreditam, como enxergam a ela própria e aos demais.

Na percepção de Bisinoto (2000), as atitudes linguísticas também podem ser vistas como (sócio) linguísticas, pois os fenômenos de natureza social estão relacionados aos indivíduos tanto quanto o extralinguístico. Então, algumas visões acerca desse tema são diferentes, mas é evidente o modo de agir ou reagir do falante perpassa questões que vão além da língua, visto que:

O conceito de atitude linguística engloba diversas dimensões, desde as atitudes com relação a variedades linguísticas/dialetais e estilos de fala, passando pelas atitudes



com relação ao aprendizado de uma língua, até as atitudes com relação a grupos, comunidades, minorias, entre outras dimensões. (CORBARI, 2013, p. 62).

Para Lambert e Lambert (1972), a atitude mantém relação direta com as crenças, pensamentos, sentimentos e modos de reagir de uma pessoa. Dito de outro modo, como “a maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação às pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante.” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78). As atitudes estão vinculadas ao cognitivo afetivo, que leva uma pessoa a interagir e sentir parte das comunidades de falas que ela se sente acolhida e representada, em que seus ideais são semelhantes.

Segundo Bem (1973), para se entender as atitudes e crenças humanas, é preciso levar em consideração o componente social, visto que as atividades humanas são alicerçadas em quatro fundamentos: pensar, sentir, comportar-se e interagir com as pessoas, quatro fundamentos que remetem a aspectos cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais, investigados pelos estudos psicológicos na avaliação de crenças e atitudes. Nesse sentido, é possível analisar o comportamento dependendo da ocasião e do ambiente, principalmente porque o componente social e linguístico interfere nos pensamentos e nas emoções dos indivíduos.

Nesses termos, o meio familiar, convívio de natureza íntima, desempenha um papel fundamental nas atitudes das pessoas, por representar os primeiros contatos com a língua, logo, o que a família ensina servirá de norte para a vida e construirá as crenças que demonstram a identidade familiar.

É necessário para o homem, ser de contato, aliar seus costumes, suas tradições, seus falares, suas formas e modelos, as origens linguísticas. As línguas faladas, seus sons e usos assim como suas semelhanças e diferenças são como marcas no mundo. Na estruturação da língua, o contato é fator essencial na medida em que nele estão presentes as interações, variações e mudanças linguísticas (SABADIN, 2013, p. 42).

Como a língua possui ferramentas alinhadas ao seu uso, o que inclui, além do contato com os outros, a adequação das atitudes ao meio em que o falante está inserido, tal aspecto justifica o fato de que “desenvolvemos nossas atitudes ao enfrentarmos e ajustarmos-nos ao meio social” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78), apontando nossa reação diante de determinadas situações, e como cada indivíduo lida com as suas próprias crenças, as quais ele acredita serem as corretas frente às demais. Esse tipo de comportamento é, em grande parte, responsável pela existência do preconceito linguístico, uma vez que não se aceita o outro como alguém que tem crenças e atitudes linguísticas distintas.

A maneira como se manifestam as atitudes linguísticas expressa como os indivíduos são e como estes se comportam em relação a sua fala, um pouco diferente da visão de Oppenheim (*apud* Alves, 1979), para quem as atitudes configuram-se como a reação dos indivíduos a determinados estímulos, o quais são reforçados pelo componente cognitivo (as crenças), atraindo fortes reações (o componente emocional) cuja consequência é uma explosão de comportamentos específicos (o comportamento de tendência expressiva).

Pensando as atitudes linguísticas, Calvet explica que “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam” (CALVET, 2002, p. 65), o que corrobora o fato de que as atitudes estão ligadas aos comportamentos linguísticos que o falante tem sobre ele e sobre os outros.

Gimenes e Mendes-Nunes, ao estudarem expressões particulares do falar amapaense, destacam que

As atitudes linguísticas diante do falar do outro reitera o próprio falar de quem julga ou marca o falar do outro como algo que se deseja ou rechaça, definindo a perspectiva do discurso público sobre a língua, o qual é carregado de avaliações de distinta natureza. (GIMENES, MENDES NUNES, 2014, p. 164).

Por vezes, o ouvinte pode acabar tomando para si alguns julgamentos sobre a fala do outro, revelando sua identidade linguística, a qual pode estar sobrecarregada de preconceito linguístico, menosprezando-se a cultura e a identidade do outro, um julgamento social pautado no poder, num modo único de pensar e reagir aos acontecimentos a partir de padrões definidos, em que se julga o outro, tomando como referência de padrão seu próprio sotaque, sua maneira de falar, condenando todas as demais manifestações linguísticas que se “desviem” desse padrão referencial (CALVET, 2002).

## **2.4 A sociolinguística e as atitudes linguísticas**

Lambert e Lambert, na década de 60, observaram que as atitudes de uma pessoa estavam relacionadas às suas reações sociais, em que suas crenças eram compartilhadas por um grupo social em comum. Labov também chegou a esta conclusão, quando percebeu que a língua não é por si só, que o fator social interfere e reflete nas crenças e nas atitudes, inserindo nos estudos da linguagem o extralinguístico. Na visão de Labov: “[...] a língua e a sociedade são

duas realidades que se inter-relacionam de tal modo que é impossível conceber a existência de uma sem a outra” (MONTEIRO, 2008, p.13).

Partindo desse pressuposto, Labov entende que a língua é “[...] um meio para se estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas” (MONTEIRO, 2008, p. 16). Sendo assim, ao se relacionar com outras pessoas, o falante transmite suas crenças e afetividade por meio da fala, expressões e gestos, que são compreendidos pelo outro e, ao mesmo tempo, revelam a identidade linguística daquele que fala, a partir das atitudes linguísticas que ele manifesta. Fasold compartilha da mesma ideia de que as atitudes linguísticas refletem a questão identitária, logo, é “um símbolo de pertencer ao grupo”<sup>2</sup> (FASOLD, 1984, p. 158).

A partir de constatações dessa natureza, Labov, em sua pesquisa de mestrado, na contramão dos estudos saussurianos, escolheu a Ilha de Martha’ Vineyard para suas investigações, uma comunidade relativamente isolada, cujo contato dos nativos era com os veranistas que visitavam a ilha por causa do turismo, fator que ocasionou mudanças significativas no falar linguístico, objeto de estudo de Labov:

[...] 1963, a respeito da mudança fonológica, a centralização dos ditongos /ay/, como por exemplo, em – white = branco e /aw/ doubt = dúvida – na fala dos nativos e no falar dos pescadores locais, cuja faixa etária era entre 30 e 60 anos, em uma pequena ilha ao Norte da costa americana, chamada Martha’s Vineyard no estado de Massachussets. (LABOV, 2008, p. 23-25).

Os pescadores detinham uma pronúncia conservadora, e os veranistas um inglês diferente, padrão, de prestígio, porém isso não fez com que a comunidade da ilha deixasse de identificar a qual grupo ela pertencia, e, de certa maneira, demarcava as diferenças sociais no seio da comunidade (TARALLO, 1986).

Labov concluiu que “[...] as atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado” (TARALLO, 1986, p. 14). Assim como aconteceu na pequena ilha de Martha’ Vineyard, os mais novos tendem a querer usar uma comunicação mais prestigiosa, mostrando a sua capacidade de pertencer ao grupo de maior prestígio, o que não acontece com os falantes mais conservadores, que veem a língua não como um status, mas como a identidade de um povo, construída e preservada por longas gerações. Portanto, as atitudes linguísticas mostram que, embora os estereótipos possam influenciar, em muitos casos elas não determinam a comunidade de fala.

---

<sup>2</sup> Tradução, Sabadin, 2013.

Para atestar que as atitudes são construídas nas crenças e no papel que a pessoa desempenha, até dentro da sua própria comunidade, Lambert e Lambert criaram situações sociais reais para que as atitudes fossem medidas, segundo a percepção de que “as atitudes funcionam dentro de nós próprios, tornamo-nos sensíveis às atitudes dos demais” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78), levando-nos a transparecer os sentimentos e as emoções envolvidas nas situações.

## 2.5 As pesquisas brasileiras sobre atitudes linguísticas

Maria Isolete Pacheco Menezes Alves (1979) desenvolveu importante pesquisa sobre as atitudes linguísticas com 116 nordestinos entrevistados em São Paulo. Por meio de um questionário, ela levantou algumas hipóteses que foram analisadas durante as audições, observando que os pernambucanos-baianos veem o falar paulista relacionado ao nível social, considerando-o mais prestigioso que o seu, talvez por entenderem que São Paulo proporcionaria melhores condições de trabalho e de vida. Ao pedir para repetirem as gravações dos paulistas, alguns informantes disseram não saber, outros, tentaram falar semelhante, tentando imitar uma posição social ou de significado motivacional para ele, contexto em que a pesquisadora percebeu que as atitudes linguísticas em relação aos paulistas eram mais fortes e possuíam mais representatividade, já que muitos dos entrevistado tentavam perder o sotaque para que fossem confundidos com o falar local.

A pesquisa de Bisinoto (2000) sobre as atitudes linguísticas em Cáceres-MT trata o efeito do processo migratório para entender como os nativos deste município veem os imigrantes e como os imigrantes percebem a fala dos cacerenses. Alguns nativos acreditam que a migração produziu um efeito negativo para a fala “raiz” de Cáceres, que está se perdendo, correndo risco de desaparecer devido à mistura com outras culturas. Nesse contexto, nativos (os mais jovens) e imigrantes desprestigiam a variedade linguística presente na fala local.

Sabadin (2013), em sua tese de doutorado *Crenças e Atitudes Linguísticas: Aspectos da realidade na Tríplice Fronteira* (Brasil-Argentina-Paraguai), tendo como *lócus* o município de Foz do Iguaçu, que possui um extenso campo de pesquisa sobre as línguas de contato na região, percebeu que os informantes mudam de atitudes linguísticas, quando lhes é conveniente, entretanto não deixam atingir suas crenças.

Tais processos de contatos, geralmente, estão relacionados às estratégias linguísticas dos falantes, visto que as razões desse tipo de situação podem ser distintas, ora para

zombar ou ironizar alguém, ora como resistência ao falar do outro, o que traduz diferentes significados sociais (SILVA, 2016, p. 22).

Sabadin observou, também, que o informante se adapta rapidamente ao contexto em que esteja inserido, apresentando-se com mais segurança e agilidade em mudar os seus gestos, atitudes, maneira de falar e o tom da sua voz, dependendo do contato que está tendo com outra língua.

A dissertação *Brasília, sua gente, seus sotaques: difusão candanga e focalização brasiliense na Capital Federal*, de Lima Neto (2018), aborda os estereotípicos linguísticos na construção do sotaque de duas regiões de Brasília, Plano Piloto e Gama, em que cada uma possui sua representatividade social de prestígio causadas por aspectos da fala, contexto em que os informantes tiveram dificuldade de explicar o que é *Sotaque* e o termo *Brasília*. Na investigação, os entrevistados registraram que não possuem sotaque, embora moradores das duas regiões possuam construções linguísticas diferentes. Sobre o sotaque, segundo ponto de vista dos informantes, Lima Neto registrou:

Sotaque, ora aparece como desvio de uma norma de prestígio, ora como sinônimo de dialeto, ora como entidade reconhecível da língua, o que muitas vezes justificou a assertiva de que “brasiliense não tem sotaque”. Poucas foram as concepções que diferiram sotaque de dialeto, como o fizeram os Brum. (LIMA NETO, 2018, p. 230).

A pergunta “Como os falantes de cinco estados brasileiros reagem aos diferentes sotaques?” norteou o estudo de Ramos (1997), cujo objetivo era responder a uma outra pergunta: “qual é o dialeto-padrão do nosso país?” Os estados brasileiros estudados foram Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraíba, e a pesquisa ocorreu apenas na zona urbana e com pessoas da classe média. Os dados registraram a rejeição dos entrevistados aos dialetos rurais, sobretudo dos mineiros e paraibanos, o que remete ao preconceito linguístico, pois, como já apresentado, esses falares possuem marcas sertanejas, chamadas também de caipira.

Silva (2019), ao abordar as atitudes linguísticas no trabalho *A aldeia Lagoinha e suas atitudes linguísticas frente ao Bilinguismo entre as línguas Terena e Portuguesa numa perspectiva Sociolinguística*, constatou o mesmo fenômeno observado por Bisinoto (2000) em Cáceres, a língua perdendo prestígio, correndo o risco de ser extinta, mas, no trabalho de Silva, este fato ocorre devido aos próprios terenas não mais a usarem, pro a consideraram minoritária, de menor valor, errada, estigmatizada por um português padrão-culto, até pelos não terenas.

## 2.6 A função das atitudes linguísticas

Cada pessoa exerce a sua função social, intimamente ligada ao seu olhar e percepção das coisas, em que seus sentimentos a levam a reagir pautada em sua própria identidade e de seu grupo, de modo que observa as atitudes do outro para demonstrar que seu grupo social de fala se expressa semelhantemente da mesma maneira, direcionado por princípios de coesão e unidade, fomentando, o sentimento de pertencimento.

Assim, entende-se que:

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre os outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos [...] as atitudes afetam o comportamento (LAMBER; LAMBERT, 1972, p. 83).

Para contextualizar as atitudes dos falantes em relação a sua própria crença, Lambert e Lambert relatam a pesquisa feita com estudantes universitários, os quais foram divididos em dois grupos, um de judeus e outro de cristãos. O objetivo era constatar quem suportaria sentir mais dor, e, para isso, um esfigmômetro foi colocado no braço de cada indivíduo, porém, com saliências pontiagudas que ficavam cravadas no braço, enquanto a pressão aumentava até não suportar de dor.

Embora não entendessem qual era a finalidade da pesquisa, enquanto cada grupo esperava a sua vez, o investigador dizia aos cristãos que os judeus suportavam mais a dor do que eles, usando o mesmo argumento para os cristãos, ao dizer que os cristãos eram mais toleráveis à dor. Até acontecer esta fala, a soma da dor era igual aos grupos, mas a competição só começou após o investigador explicar que um grupo seria mais propenso a resistir à dor do que o outro, de modo que não foi possível concluir se os cristãos suportaram mais dor devido à religião ou pelo fato de não quererem perder.

Nas duas etapas da pesquisa, os estudantes cristãos suportaram mais e na segunda etapa ampliaram a vantagem, enquanto os judeus permaneceram iguais, como se não estivessem preocupados em competir com os cristãos. Concluiu-se, então, que “o comportamento pode ser dramaticamente modificado quando apropriadas atitudes são suscitadas” (LAMBERT; LAMBERT, 1927, p. 87). Logo, entendemos que a função das atitudes pode ser determinante, mesmo que lhe cause dor e sofrimento, por estarem vinculadas a julgamentos sociais. Ou seja, por não entrarem no mérito de resistência à dor, os judeus suportaram não mais do que seus limites, talvez por perceberem que sua crença não estava em mérito de competição, mas, para

os cristãos, pelo contexto histórico e religioso, não seria cabível perder para eles, esta seria a sua própria visão.

Como visto, as atitudes são direcionadas pelo componente cognitivo, logo as reações podem demonstrar uma empatia entre as pessoas, sua função não é de rotular, mas aproximar as pessoas, conforme explicado por Bem:

Atitudes são os gostos e as antipatias. São as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo ideias abstratas e políticas sociais. [...] nossos gostos e antipatias têm raízes nas nossas emoções, no nosso comportamento e nas influências sociais que são exercidas sobre nós. Mas também repousam em bases cognitivas (BEM, 1973, p. 29).

Portanto, o que o indivíduo percebe e toma para si como elemento importante na construção da sua identidade, como a linguagem que desenvolve ao longo do tempo, suas memórias familiares e influências, configura suas atitudes linguísticas.

## **2.7 As mudanças linguísticas**

A língua tem passado por mudanças, desenvolve-se e expande, já que não fica presa ao tempo e tão pouco aos fatores externos. Como sua função é a comunicação, ela perpassa gerações com transformações significativas, tomadas por pesquisadores como objeto de estudo, como a questão da heterogeneidade da língua, em que se apontam as diversas variações no modo de falar, no significado de uma palavra, assim como as suas variantes.

As mudanças linguísticas fazem parte de um processo evolutivo que levaram os pesquisadores a olhar para a língua como um fenômeno que muda, porque a sociedade e a cultura mudam e se transformam de acordo com as novas experiências de seus falantes, logo, é natural que algumas palavras possam ser vistas como ultrapassadas.

De acordo com Chagas (2011), as línguas mudam, porque nunca estão prontas e, por se relacionarem com a sociedade, acabam por refletir as mudanças sociais, de modo que a heterogeneidade social pode gerar heterogeneidade linguística e vice-versa. Prova disso é a criação dos pronomes de tratamento, formas oriundas da demanda de uma hierarquia social estabelecida. Assim como na variação, a mudança é facilitada ou dificultada pelos fatores linguísticos e extralinguísticos.

Nesse sentido, cada indivíduo expressa-se de modo peculiar, a partir de sua própria bagagem de vivência social e intelectual que constroem a sua identidade, em que as influências externas podem não ser determinantes na construção de sua identidade, mas, certamente, são

influenciadoras em seu discurso, já que tudo o que ele vivenciou, os conhecimentos cognitivos que adquiriu, a região em que foi criado, entre outros fatores, construirão, ao longo do tempo, suas crenças e atitudes.

Ressaltamos que “a presença de uma língua influencia outras línguas que estejam em contato com ela. Quando há essa interação entre diferentes línguas, uma ou ambas as línguas sofrerão mudanças” (SABADIN, 2013, p. 51). Este é um fato linguístico que ocorreu na cidade de Costa Rica, pois o contato com os demais falares, trazidos por migrantes, fez com os falares locais mudassem e, conseqüentemente, esses mesmos migrantes, tendo contato com o vernáculo do município, também receberam influência nas gírias, expressões, dialetos, sotaques e cultura.



### 3 ASPECTOS METOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos o planejamento e o percurso tomado para desenvolver a pesquisa, com análise qualitativa e recursos quantitativos em alguns aspectos, particularmente com o uso de gráficos, em que não houve julgamentos referentes às respostas dos entrevistados, mas a observação do que eles deixaram registrados acerca das atitudes linguísticas construídas ao longo do tempo, com o objetivo de entender e registrar como se deu o processo de transformação e influência da língua do informante nas atitudes presentes na fala. A partir dos estudos de Manzini (2003, p. 11), os pressupostos metodológicos seguiram os seguintes conceitos:

- a) Necessidade de planejamento de questões que atinjam os objetivos pretendidos;
- b) Adequação de sequência de perguntas;
- c) Elaboração de roteiros;
- d) Necessidade de adequação de roteiros por meio de juízes;
- e) Realização de projeto piloto;
- f) Adequação do roteiro e da linguagem.

Após a resolução dos passos metodológicos citados, a preparação das perguntas básicas compôs uma entrevista semiestruturada (MANZINI, 2003), que nos auxiliou como pesquisadores observadores.

#### 3.1 Constituição do *corpus*

Para a constituição do *corpus* desse estudo, entrevistamos migrantes residentes em Costa Rica-MS, por meio de um questionário. O *corpus* busca constatar as atitudes linguísticas na fala dos migrantes. A escolha dos informantes não foi aleatória, pois visou alguns critérios:

- a) Sexo: 10 homens e 10 mulheres;
- b) Idade: entre 25 e 67 anos;
- c) Escolaridade: nível básico e superior;
- d) Morarem há pelo menos dois anos no município;
- e) E pertencer a regiões distintas do Brasil.

#### 3.2 Perfil sociolinguístico dos informantes

A organização estratégica dos quadros traça o perfil de cada informante, subdividido conforme apresentado. Durante as análises, nos referimos aos migrantes como *o Informante* ou *a Informante*, seguido de seu respectivo número no quadro.

**Quadro 1** - Perfil sociolinguístico dos informantes – homens

Sexo masculino	Profissão	Nível de Escolaridade	Idade	Cidade
Informante 1	Professor	Ensino Superior	54	Alto Garças – MT
Informante 2	Eletricista autônomo	Ensino Básico	39	Mineiros-GO
Informante 3	Agricultor	Ensino Básico	64	Gaurama -RS
Informante 4	Vendedor	Ensino Básico	25	Buriti – MT
Informante 5	Comerciante	Ensino Básico	28	Conceição do Araguaia – PA
Informante 6	Auxiliar de vendas	Ensino Superior	48	Santana do Araguaia – PA
Informante 7	Assistente Contábil	Ensino Básico	36	Lagoa de Itaenga – PE
Informante 8	Assistente Administrativo	Ensino Superior	38	Ituiutaba – MG
Informante 9	Engenheiro Agrônomo	Ensino Superior	42	Ilha Solteira – SP
Informante 10	Policial	Ensino Superior	48	Itapetinga – BA

Fonte: A autora (2020).

**Quadro 2** - Perfil sociolinguístico dos informantes - mulheres

Sexo Feminino	Profissão	Nível de Escolaridade	Idade	Cidade
Informante 1	Médica	Ensino Superior	52	Rio de Janeiro – RJ
Informante 2	Professora	Ensino Superior	41	Humaitá - RS
Informante 3	Advogada	Ensino Superior	55	Maceió - AL
Informante 4	Assistente Administrativo	Ensino Básico	37	Bom Sucesso – MG
Informante 5	Secretária	Ensino Básico	39	Barretos – SP
Informante 6	Professora	Ensino Superior	27	Concórdia – SC
Informante 7	Agricultora	Ensino Básico	49	Aspácia – SP
Informante 8	Administradora do lar	Ensino Básico	42	Major Isidoro – AL
Informante 9	Administradora de empresas	Ensino Superior	67	Jussara – PR
Informante 10	Servidora Pública	Ensino Superior	28	Maringá - PR

Fonte: A autora (2020).

O fator sexo não foi predominante para traçar o perfil dos migrantes, mas acreditamos que a percepção das mulheres pode ser diferente da percepção dos homens. Sendo assim, escolhermos a mesma quantidade de informantes. A escolaridade também não foi um fator

predominante, mas tentamos abranger os dois níveis de escolaridade para constatarmos os fenômenos linguísticos na fala dos entrevistados.

**Quadro 3** - Visão geral dos informantes

Nível de escolaridade		Faixa etária		Total de informantes
9	Ensino básico	4	25 a 35 anos de idade	
11	Ensino Superior	9	36 a 45 anos de idade	
		7	46 a 67 anos de idade	
				20

Fonte: A autora (2020).

Para constatar os fatores norteadores do sotaque e das variantes que envolvem as atitudes, consideramos entrevistar pessoas dentro das faixas etárias escolhidas, por considerar que cidadãos acima de 35 anos podem ter uma concepção mais conservadora da língua. Como explicado por Bisinoto, “O limite etário é importante porque acreditamos que a atual geração de jovens e adolescentes já não sente tão fortemente o embate das forças sociais e da diversidade linguística como se observaram há algumas décadas” (BISINOTO, 2000, p. 45).

**Quadro 4** - Informações gerais dos informantes por região

Região	Estados	Informantes
Norte	PA	2
Nordeste	PE, BA e AL	4
Centro Oeste	MT e GO	3
Sudeste	MG, RJ e SP	6
Sul	RS, SC e PR	5
<b>Total de informantes</b>		<b>20</b>

Fonte: A autora (2020).

Tentamos escolher migrantes que contemplassem as cinco regiões do Brasil para conhecer como eles veem a própria língua e, também, para compreender como enxergam a variedade linguística presente em Costa Rica, deixando, assim, a pesquisa mais completa em informações. É possível constatar, por meio da vivência local, que as influências culturais e linguísticas maiores da região são dos mineiros e goianos, mas existem muitos migrantes sulistas, alagoanos e paulistas.

### 3.3 A entrevista: o questionário

Devido à pandemia por Covid-19, que assola o mundo inteiro, não foi possível fazer esta pesquisa *in loco*, por isso, o meio de comunicação que escolhemos foi o aplicativo *WhatsApp*, por ser de fácil manuseio, rápida resposta e maior interação entre entrevistados. Diante dessa fatalidade, escolhemos amigos e conhecidos migrantes que prontamente responderam ao questionário de maneira verdadeira e eficaz. Devido ao fato de conhecer os informantes, a pesquisa abordou os aspectos qualitativos, como Bogdan e Biklen (1996) afirmam que, ao conduzir esse tipo de pesquisa, a relação é continuada gerando vínculo de amizade com o entrevistado, por haver confiança e empatia.

Para tratar a análise referente a alguns dos valores numéricos, a pesquisa quantitativa, apontada por Labov (2008), também faz parte dessa dissertação, como suporte para exposição dos dados coletados.

O questionário abrangeu 17 perguntas para que os migrantes refletissem sobre sua origem, seu processo migratório, a construção linguística e cultural que o acompanhou na trajetória até residir em Costa Rica, por isso algumas perguntas abertas acompanhadas de descontração e aspectos da oralidade nas respostas. Em nenhum momento interferimos nas respostas, apenas incentivamos aos informantes serem sinceros, sem a preocupação com os conceitos de certo ou “errado”, embora alguns demonstrassem, após o envio do questionário, um pouco de insegurança se haviam respondido “corretamente”.

Outras perguntas foram direcionadas, ao comparar as atitudes linguísticas das cidades onde morou, ou apenas onde nasceu, com a localidade, levando o entrevistado a pensar sobre os costumes, crenças e atitudes que envolvem o falar dos nativos costarriquenses.

Assim, a ética apontada por Bogdan e Biklen (1996) esteve presente em todo o processo, com os seguintes fundamentos: “1. Os sujeitos aderem voluntariamente aos projectos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e obrigações nele envolvidos. 2. Os sujeitos não são expostos a riscos superiores aos ganhos que possam advir” (BOGDAN; BIKLEN, 1996, p. 75). Além disso, os autores sugerem ainda que o registro das respostas seja autêntico, mesmo se não agradar ao pesquisador, e este deve informar os dados com fidelidade, o que procuramos registrar.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Antes de passarmos para a análises dos dados referentes aos migrantes residentes em Costa Rica, é importante contextualizarmos como os próprios nativos falam, segundo o ponto de vista deles, pautado na pesquisa de Oliveira (2020), e, para chegarmos ao resultado pretendido, rastrear as atitudes linguísticas que norteiam os falares dos costarriquenses, aplicamos um questionário semiestruturado para compor o artigo “Atitudes Linguísticas na fala dos costarriquenses” (OLIVEIRA, 2020). Assim, enviamos, por meio do aplicativo *WhatsApp*, o questionário para ser respondido por dez homens e dez mulheres, entre 20 e 65 anos de idade, todos nascidos em Costa Rica, informantes que possuem ensino básico e superior e de diferentes profissões. Por conta do contexto pandêmico, não foi possível fazer a entrevista *in loco*.

### 4.1 Breve descrição sobre como falam os costarriquenses

Baseado na fala popular de Costa Rica, juntamente com as entrevistas feitas pelos alunos e no artigo “As atitudes linguísticas na fala dos costarriquenses” (OLIVEIRA, 2020), observamos a maneira peculiar dos falantes ao fazerem referência ao seu próprio falar, tomando seu sotaque como caipira, sertanejo, por apresentar muitas características da roça, inclusive a pronúncia do “r” retroflexo, foneticamente representado [ɻ], mais puxado, considerado arrastado. Esta marca linguística é muito prestigiada na região por registrar o vernáculo dos seus descendentes.

Na fala de vários entrevistados, percebemos que eles não acreditam que possuem sotaque, pois acham que a maioria das pessoas na cidade falam do mesmo jeito, só depois de comparados a pessoas de outras regiões alguns concluíram que realmente possuem sotaque, o sotaque caipira.

Algumas expressões são muito usadas, como “*no 12*”, para algo muito rápido, como sair *correndo no 12*. Existem muitas variantes do léxico usadas por pessoas mais antigas que falavam as expressões *sinapismo*, *purgante de jalapa*, *estrorvo* e *esterçar*, no sentido de levantar-se para ir embora, entre outras vindas do campo, como *armonca*, *mazi* e *ocê*.

Uma entrevistada apontou que os falantes parecem ter preguiça na hora de falar, por reduzir algumas palavras como *banhar*, ao contrário do que ela tinha costume de ouvir em sua região: *vamos tomar banho* e não *vamo banha*, e também a supressão do r no final dos verbos, como *comprá* e *vendê*.

Outra entrevistada, professora de Língua Portuguesa, registrou que existe uma família tradicional na cidade que usa a expressão *cozinhar*, pois tem acompanhado os falares durante muitas gerações, mesmo tendo conhecimento da norma padrão deste verbo: *cozinhar*. Outro aspecto é que, mesmo as pessoas escolarizadas, usam *mas* e *mais* em colocações “erradas”, em que a informante justifica este acontecimento, assim como outros, pelo fato de as pessoas ouvirem mal, por isso falam mal.

O questionário que compõe o artigo sobre as atitudes linguísticas dos costarriquenses (OLIVEIRA, 2020) contempla algumas perguntas, mas apenas cinco foram selecionadas para analisar o prestígio na fala do entrevistado, sendo elas: Qual língua você fala? Qual fala você acha mais bonita? Qual fala você acha mais feia? Qual fala é a mais correta? Você tem sotaque? No questionário, constam as seguintes alternativas: *paulista*, *mineira*, *sulista*, *goiana*, *costarriquense* e *alagoana*, tendo em vista que as alternativas foram escolhidas de acordo com a maioria dos migrantes da cidade e todos que responderam ao questionário são residentes em Costa Rica.

Em resposta à primeira pergunta, “Qual língua você fala? ”, doze pessoas responderam a *língua portuguesa* ou *português*, seguida de três que consideram falar a *língua costarriquense*. Outras duas apontaram o falar *caipira*, e apenas uma registrou o falar *sul-mato-grossense*, uma *brasileira*, e uma *mistura de costarriquense com goiano*.

Para a pergunta “Qual falar você acha mais bonito? ”, a maioria escolheu a *costarriquense*, e a minoria a *mineira*, que não foi escolhida por ninguém. A terceira pergunta: “Qual fala você acha mais feia? ”, *alagoana* ficou em primeiro lugar seguida da *paulista*. A quarta pergunta: “Qual língua é a mais correta? ”, retrata o prestígio, e, segundo os entrevistados, a mais correta é a *paulista*, seguida da *sulista*, e com menos prestígio a *mineira*. Por fim, na última pergunta, metade dos entrevistados acredita não ter sotaque.

Levantamos a hipótese de que o fato dos paulistas e sulistas terem chegado há mais tempo na região, talvez tivessem mais aceitação do que os alagoanos, que são mais recentes. Porém, notamos que os costarriquenses valorizam a sua fala e, conseqüentemente, as atitudes e crenças linguísticas que norteiam os falares dessa cidade.

As influências externas evidenciam que a cultura gaúcha, na cidade pesquisada, está presente no chimarrão e no churrasco, tradicional na cidade, inclusive a palavra *guri*, muito usada para substituir o substantivo menino, palavra que antigamente não fazia parte do vocabulário costarriquense. A cultura mineira também está presente, é comum ouvir expressões como *trem* ou *troço*, para nomear alguma coisa que não se sabe o nome.

Existem muitos vocábulos a serem analisados por este povo rico em cultura que abraçou os migrantes com o que tem de melhor a oferecer, assim como as atitudes linguísticas presentes na culinária com forte influência dos mato-grossenses, goianos e mineiros, pela presença histórica destes povos que passaram pela região de Costa Rica em busca de ouro

## 4.2 Exposição das análises dos dados

Para a análise das questões respondidas, organizamos os dados em seis grupos que foram separados por itens, para que as perguntas fossem apresentadas de acordo com cada grupo, conforme quadro a seguir:

**Quadro 5** - Organização para a análise

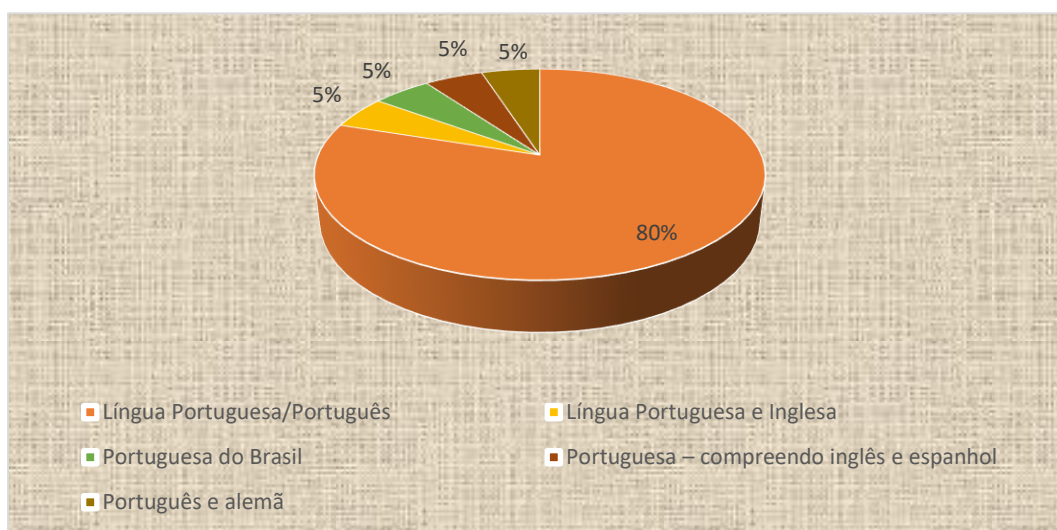
Itens	Análise	Referente à Perguntas
1	Reconhecimento das atitudes linguísticas no processo migratório	1, 2, 3 e 4
2	Construção linguística na fala dos migrantes	5, 6 e 7
3	Constatar a variação, variedade e variável	8
4	Definição da própria fala	9, 10 e 11
5	A visão dos migrantes sobre os falares dos costarriquenses	12, 13 e 14
6	Prestígio na fala dos migrantes e mudanças linguísticas	15, 16 e 17

Fonte: A autora (2020).

## 4.3 Item 1. Reconhecimento das atitudes linguísticas no processo migratório

Para chegarmos à análise do item 1, as seguintes perguntas foram selecionadas: 1. Qual língua o (a) senhor (a) fala? 2. Em qual cidade nasceu? 3. Por que se mudou para Costa Rica? 4. Possui vontade de voltar a morar na sua terra/cidade de origem? Por quê? A intenção é rastrear como foi o processo migratório que influenciou na fala as atitudes linguísticas.

Desse modo, iniciamos a pesquisa, procurando descobrir, na percepção dos informantes, qual língua eles falam, conforme a pergunta “**Qual língua o (a) senhor (a) fala?**”, em que os dados são destacados no gráfico 1, na sequência.

**Gráfico 1 - A língua falada**

**Fonte:** A autora (2020).

O gráfico mostra que 80% dos migrantes nomearam a língua que falam como *língua portuguesa* ou *português*, algo previsto, por ser o vernáculo que a maior parte dos brasileiros falam. O mesmo fato ocorreu na pesquisa de Aguilera (2008), em que os informantes registraram que falavam a língua portuguesa, porque foi esta que aprenderam na escola, ou porque nunca tiveram a necessidade de pensar sobre a própria língua. Ainda sobre o estudo da pesquisadora, verificou-se que a língua possui muitas variantes, como ‘língua nativa, gírias’, outras que estão relacionadas à faixa etária, entre os mais novos e os menos escolarizados. Não registramos esse acontecimento em nossa pesquisa, pois a maioria entendeu qual foi a pergunta e a sua percepção sobre a língua que falam.

Importante ressaltar a resposta da *Informante 2*, que citou a língua alemã, justificada por “*meus pais, avós, tios e primos, falavam tudo em alemão*”, essas influências familiares trouxeram algumas dificuldades na sua própria fala, que podem ser explicadas segundo Labov:

A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Assim se explica os fenômenos de diversidade e até mesmo de mudança linguística (MONTEIRO, 2008, p. 16).

Esta citação justifica o acontecimento narrado pela migrante que conta que, ao chegar à escola, foi martirizada pela maneira de falar, pois misturava alemão com português e tinha que monitorar a própria fala para que não fosse chamada sua atenção pela professora, que sempre a corrigia, julgando-a pelo “erro”. Este fenômeno foi percebido na pesquisa de Corbari (2013), em que as línguas estrangeiras vinculadas à herança linguística familiar estão perdendo importância e tem sido trocada, principalmente pelos mais jovens, pela língua portuguesa, por



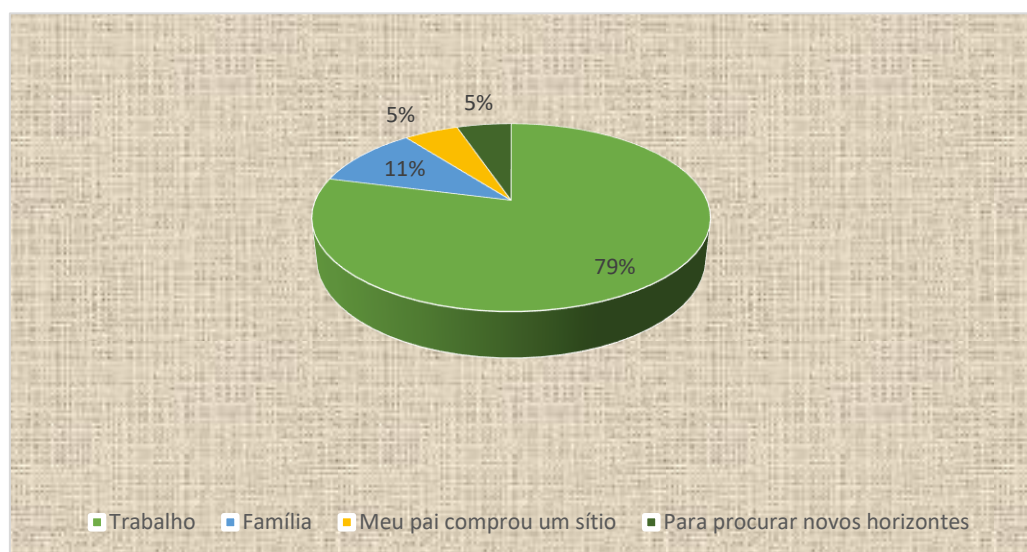
serem consideradas línguas minoritárias, como da informante que usava a língua alemã apenas de forma bem restrita, o que pode ter causado estranheza para a professora, porque não dominava a língua que a estudante falava.

Ao escolher usar a língua alemã, ou qualquer outra, em um determinado momento, fez com que o falante recebesse julgamentos que nem sempre são agradáveis a uma comunidade de fala, gerando, assim, o preconceito linguístico. Ser julgada por sua maneira de falar, levamos a questionar os valores de quem julga, porque, geralmente, o problema não é como ou o que a pessoa fala, mas é algo pessoal, relacionado à identidade. É inadmissível que ocorra o preconceito linguístico e os julgamentos dos “erros” que martirizam a fala e a construção linguística do falante.

A questão 2, “**Em qual cidade nasceu?**”, ajudou-nos a traçar as atitudes linguísticas desse falante, pois em cada região do Brasil existe uma maneira particular na construção do vernáculo, nas crenças, nos sotaques e dialetos.

Buscamos compreender as razões pelas quais nossos informantes se mudaram para Costa Rica, apresentadas na questão 3 “**Porque se mudou para Costa Rica?**”.

**Gráfico 2 - Justificativas**



**Fonte:** A autora (2020).

Para 79% dos entrevistados, o processo migratório, de maneira geral, ocorreu devido à oportunidade de emprego, ou por acompanhar o esposo que recebeu uma proposta de serviço. A fala da *Informante 5* demonstra as expectativas acerca do município:

**Informante 5:** “*Meu esposo teve uma proposta de trabalho melhor do que onde estávamos (Barretos – SP), pois ouvimos falar muito bem da cidade kkk vamos tentar a sorte!*”

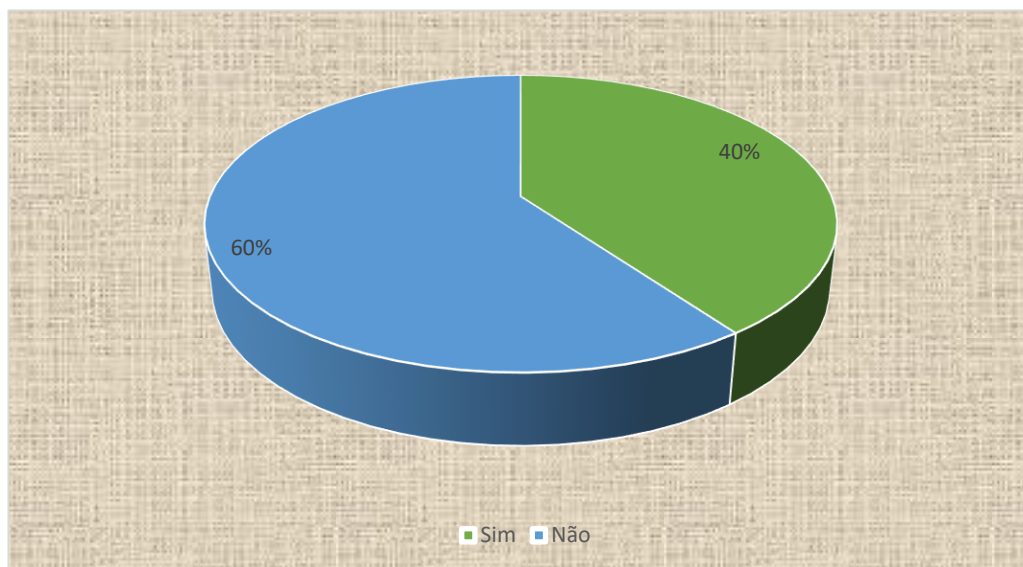
As mesmas justificativas foram registradas na pesquisa de Bisinoto (2000), em os imigrantes foram residir em Cáceres-MT, primeiramente para acompanhar a família, e, em segundo lugar, porque idealizaram que nesta cidade teriam oportunidade de emprego. Em ambos os casos, os imigrantes sentem-se acolhidos pelos moradores e boa parte dos informantes não possui o desejo de se mudar por ter um bom emprego. Quando existe um apreço pela cidade, em que ela proporciona estabilidade financeira, os aspectos emocionais, muitas vezes, são colocados em segundo plano, porque a oportunidade de ter sucesso no processo migratório pode ser percebida em várias respostas.

O *Informante 8* registra uma atividade comum há alguns anos na região, mas que atualmente pouco explorada: *“Para trabalhar com a família da minha esposa numa carvoeira.”*

Alves (1979) constatou que os nordestinos mudaram para São Paulo com a finalidade de melhoria de vida, já que a cidade onde nasceram não deu estrutura social para que pudessem trabalhar, assim, viram nessa nova cidade o que os migrantes residentes em Costa Rica perceberam, seria um bom campo para realizar o sonho de ter serviço.

Quando começou a formação da vila Costa Rica, muitas pessoas foram atraídas para este local, em busca de adquirir terras férteis para plantar, e isso ainda é uma realidade. A mesma justificativa Corbari (2013) constatou em sua pesquisa, em que os imigrantes chegaram na região paranaense para comprar terras. Em Costa Rica, apesar de a cidade ser distante dos grandes centros e ter pouco tempo de desenvolvimento, os migrantes se viram atraídos pelo potencial dela, pois, além de boas terras, o clima e a localização contribuía para o sonho da prosperidade.

Nesse sentido, quisemos saber em 4, **“Possui vontade de voltar a morar na sua terra/cidade de origem? Por quê?”**, se os informantes guardavam algum desejo de voltar a morar na sua cidade natal e por que razão. Os posicionamentos deles estão representados no gráfico 3, a seguir.

**Gráfico 3** - Alternativas Sim e Não

**Fonte:** A autora (2020).

As justificativas para as respostas à questão 4 foram diversificadas, pois a maioria que pertence ao grupo de 40% gostaria de voltar a morar na sua terra/cidade de origem por saudade ou distância da família.

*O informante 10: “Sim, em razão dos meus familiares ainda estarem por lá, bem como por ser minha terra natal. ”*

*A Informante 2: “Sim, principalmente devido a cultura da região. ”*

Conforme resposta da *Informante 2*, houve um reforço sobre a cultura local ser muito diferente da sua cidade de origem, o que nos leva a perceber que as raízes emocionais ainda estão ligadas às suas crenças e atitudes dos familiares que ainda residem na cidade em que nasceu. Percebemos que os informantes que preferem voltar para a sua terra pertencem à faixa etária acima de 35 anos de idade, e neste grupo não estão apenas as pessoas com ensino superior.

Ao lado de uma variedade linguística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos da natureza intrínsecos que afetam tanto linguística como politicamente os comportamentos e as relações dos ambientes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social (BISINOTO, 2007, p. 24).

Isso significa que as amizades, a satisfação em residir no local que gostaria, a realização profissional estão, muitas vezes, interferindo no comportamento linguístico da pessoa, como já mencionamos aqui, isto é, são as crenças e as atitudes linguísticas que se manifestam por meio do falar e do viver de cada um, logo, nem sempre as pessoas se familiarizam com as manifestações linguísticas diferentes das quais elas já estão habituadas, fatores que

provavelmente, levaram os 40% terem o desejo de voltar para sua cidade, algo não esperado, pois acreditávamos que este valor seria menor devido às análises feitas em toda pesquisa.

Em contraponto, 60% dos migrantes dizem estarem habituados com a região, gostam da cidade e se identificaram com ela. Essa visão positiva sobre o lugar em que residem aponta a familiaridade com os habitantes de Costa Rica e que suas expectativas em relação à cidade foram realizadas com sucesso. Bisinoto, em sua pesquisa, registrou um número bem maior que Costa Rica, já que 92% dos imigrantes residentes em Cáceres preferem viver nesta cidade, “o fato de os imigrantes não terem o desejo de voltar à sua terra de origem revela sucesso de sua empreitada, ou seja, deram-se bem em Cáceres” (BISINOTO, 2007, p. 41).

*A Informante 9: “Não, porque não tenho parentes mais morando lá e devo ficar perto das filhas devido à idade e convênio de saúde. ”*

*O informante 3: “Não. Porque já estamos estabelecidos em Costa Rica, moramos aqui a mais de 36 anos, constituímos nossa família, meus filhos cresceram estudaram aqui. Construimos laços de amizade com diferentes pessoas, trabalhamos e garantimos nosso sustento nesse local de pessoas simples e hospitaleiras. Podemos dizer que nossas raízes estão aqui também. ”*

Bem (1973) explica que o valor remete a crenças positivas relacionadas à autorrealização, assim o migrante constrói novos valores para a satisfação do que ele considera como importante, conforme apontaram os informantes: a família, a receptividade das pessoas, o sustento/trabalho, os filhos terem nascidos na cidade, aspectos que geram afetividade com o local, o que Bem define como crença positiva. Entretanto, o que pode ter valor para um homem, como nos elementos citados, pode não ter para outro, conforme apontado pelo informante que diz sentir falta da cultura da cidade onde nasceu. Cada um tem a própria realização que é estimulada por fatores emocionais e racionais.

#### **4.4 Item 2: Construção linguística na fala dos migrantes**

Sabemos que a construção linguística de uma pessoa pode ser interpretada de acordo com a visão externa da língua, aspectos que fazem com que a língua seja heterogênea e em constante mudança, segundo os conhecimentos adquiridos e as vivências. Coelho (2010) afirma que essa é a contribuição dos estudos de Labov em sua pesquisa em Martha’s Vineyard: “mostrar a grande influência que os fatores condicionadores extralinguísticos podem ter sobre a língua, ou seja, as motivações sociais que a variação linguística pode apresentar” (COELHO, 2010, p. 74).

Na questão “Em quais cidades morou? ”, para ter uma noção das atitudes linguísticas dos informantes, buscamos conhecer a origem dos migrantes, procurando saber se eles haviam residido em outras cidades e que atitudes trouxeram consigo. Foi possível constatarmos que a maior parte das pessoas moraram pelo menos em duas outras cidades antes de se mudarem para Costa Rica, e isso não se aplica apenas a pessoas de mais idade, os mais novos também passaram por várias regiões, alguns frequentaram estados distintos de MS e de sua terra natal, como é o caso dos seguintes informantes:

**O Informante 9:** “*Pereira Barreto (SP), Maringá (PR) e Alcinópolis (MS).* ”

**O Informante 6:** “*Santana do Araguaia (PA), Goiânia (GO), Bela Vista (GO), Goianira (GO), Chapadão do Sul (MS) e Costa Rica (MS).* ”

Como a atitude é um processo em constante construção, observamos que o falante traz carrega consigo as diferentes experiências sociais, linguísticas, culturais etc, afinal, como pontua Alves (1979):

[...] a atitude é vista aqui como um processo, dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado. Ou seja, a percepção do objeto e a demonstração ativa de um indivíduo, a partir dele e com relação a ele, são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele. A tendência para um certo tipo de ação toma-se assim o produto, o resultado final desse confronto (ALVES, 1979, p. 27).

Ao morarem em cidades e estados diferentes, como registrado pelo *Informante 6*, cada um com a sua construção linguística e cultural, leva-se um tempo para a configuração de novas das atitudes, pois, como já vimos, elas estão relacionadas aos pensamentos, sentimentos e reações do indivíduo a cada novo contexto, formando-se como produto. Assim, é comum que uma pessoa, ao morar em muitas cidades, carregue em sua fala um pouco do vernáculo e sotaque de cada comunidade de fala em que morou, e, mesmo não tendo mais contato com a região, ao voltar, fala de maneira semelhante, porque o produto ainda está registrado em sua memória, é o que Calvet (2002) chama de representações linguísticas.

Como se observa, ao morar em diferentes cidades e estados, os informantes passaram por um processo, entendendo que, em cada fase de sua vida, eles construíram outras visões sobre seus valores e sobre as atitudes, que estão em constantes mudanças. Cada fase, idade e momento social ativam a construção dos saberes linguísticos, por isso esses migrantes podem escolher até que ponto a cultura e outros fatores podem interferir no que ele levou anos para construir no seu cognitivo.

*O informante 10 citou que morou nas seguintes cidades: “Itamaraju (BA), Teixeira de Freitas (BA), Ilhéus (BA), Brasília (DF), Valparaíso de Goiás (GO), Campo Grande (MS), Caarapó (MS) e Costa Rica (MS).”*

A *Informante 3* registrou as cidades de “*Palmas (TO), Curupi (TO) e Major Izidoro (AL)*”, e acrescentou que em Tocantins tem muitos mineiros, apesar de ter pessoas de todas as regiões do Brasil. Percebemos que os homens mudaram mais de cidade do que as mulheres, e que a maior parte delas se mudou para Costa Rica para acompanhar a família ou o esposo.

Apenas quatro informantes saíram de sua cidade de origem e foram morar em Costa Rica. Entendemos que, ao sair de uma região para morar em outra, o falante leva toda construção linguística adquirida e passa a influenciar e receber influências do local, tanto na fala, nas crenças, nas atitudes e na cultura linguística.

Nas perguntas 6 e 7, respectivamente, “**Conviveu com alguém que apresentava fala diferente da sua?**”, “**O que essa pessoa falava de diferente?**”, procuramos identificar os contatos e influências linguísticas de nossos informantes. Percebemos que três informantes sulistas registraram que conviveram com pessoas que falavam outro idioma, tendo em vista a questão da colonização, migração e da cultura pertencente à região que nasceram.

*A Informante 2: “Meus pais, avós, tios, primos. Tudo era falado na língua alemã.”*

*A Informante 6: “Minhas avós, falavam italiano. Elas misturavam o português com o dialeto italiano para cumprimentar, fazer elogios, nome de algumas comidas, dias da semana e falavam em italiano algumas expressões quando não queriam que as visitas ou pessoas estranhas tomassem conhecimento do assunto. ”*

*O Informante 3: “Com os avós que falavam italiano. Falavam tudo em italiano. ”*

Ao escolher usar uma língua ou a outra, isso nos leva a refletir sobre as mudanças linguísticas, como colocado em Fernández: “una actitud lingüística favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente o que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra” (FERNÁNDEZ, 1998, p. 179). Essas mudanças, como registrada pela *Informante 6*, dão possibilidades de o falante escolher qual contexto usar outra língua. Perguntamos à *Informante 2* se ela tem o costume de falar alemão com sua família, a resposta foi negativa, pois ao mudar de cidade teve pouco contato com esta língua, mas entende bem e fala um pouco de alemão.

As raízes familiares estão presentes na fala desses informantes que puderam constatar que essas influências refletiam um processo de geração, que perpassa outros familiares e o tempo. Como mostra, de maneira significativa, Sabadin:

Através do uso da língua materna, os homens se comunicam, se constituem, por meio da reflexão sobre a língua e autores elaboram teorias. Ao tratar da linguagem, crenças, ideais e valores despontam na educação como elemento constitutivo da cultura e da língua, uma vez que semelhanças e diferenças se consolidam na cultura da analogia, refletindo assim a maneira de conhecer e ser de seu tempo (SABADIN, 2013, p. 40).

Nesse sentido, a relação das crenças, ideais e valores com a cultura é perceptível, quando questionamos os migrantes sobre o fato de as pessoas com as quais eles conviveram terem a fala, dialeto ou sotaque diferente. Por vezes, nós nos identificamos com a cultura, nos envolvemos emocionalmente e tomamos para nós as influências dessas pessoas, como no caso das seguintes informantes, que tiveram a sensibilidade de perceberem as diferenças entre o que elas estavam acostumadas a ouvir e o que elas mesmas tinham como características da fala de sua própria região.

*A Informante 5 registra: “Meus avós paternos são mineiros e eu fui criada com eles. Falavam muito ‘uai sô’, ‘trem bão’, ‘ai, ai, ai’ e ‘conta um caso’.”*

*Já a Informante 7, registrou “os sul mato-grossenses” são os que falam de maneira de diferente, pois ela já morou em Campo Grande e Costa, e citou as seguintes expressões: “Banzano, sueta (pensando, sem fazer nada), batida (rasto e pegada), quitanda (biscoito).”*

Como observamos as influências culturais se encontram entrelaçadas com as crenças, os ideais e os valores que as pessoas carregam consigo e manifestam em suas atitudes linguísticas.

#### 4.5 Item 3: Constatar a variação, variedade e variável

Os quadros a seguir mostram a variação linguística presente na concepção do migrante ao comparar os itens que possuem em Costa Rica com as semelhanças ou diferenças registradas em sua terra natal. Para Coelho, sobre a variação linguística: “É sobre essa propriedade das línguas – de não falarmos todos da mesma forma – que se voltam os estudos sociolinguísticos” (COELHO, 2010, p.8).

A pergunta realizada aos informantes foi: “**8. O que acredita que a cidade de Costa Rica tem de diferente da sua região (exemplo: comida, gírias, cultura)?**”

Quadro 6 - Variações regionais

Variações Linguísticas				
Região	Comida/Bebida			
	Em Costa Rica	Do informante	Em Costa Rica	Do informante
Norte	<i>Tereré</i>	<i>Não tem tereré</i>	<i>Pinga</i>	<i>Cachaça de Jambu</i>

Nordeste	<i>Arroz doce</i>	<i>Arroz de leite (com sal)</i>	<i>Cuscuz é simples</i>	<i>Cuscuz com carne</i>
Centro Oeste	<i>Galinhada com cenoura, sem pequi e tomate</i>	<i>Galinhada com pequi e tomate, sem cenoura</i>	<i>Não tem</i>	<i>Empadão de Goiás</i>
Sudeste	<i>Pequi, marolo</i>	<i>Não tem pequi</i>	<i>Churrasco</i>	<i>O corte da carne é muito diferente</i>
Sul	<i>Feijão cariquinho</i>	<i>Feijão preto</i>	<i>Cerveja</i>	<i>Vinho</i>

Fonte: A autora (2020).

A variação geográfica ou diatópica está presente no quadro 6 por apresentar diferenças lexicais nas comidas e bebidas, em detrimento das diversas variantes espalhadas por todos os estados do Brasil. Podemos notar que, pelas respostas, a região de Costa Rica tem semelhanças significativas com o estado de Goiás e Minas Gerais. Percebemos que alguns informantes com menos de 40 anos de idade não conseguiram responder a esta pergunta, ou simplesmente responderam de maneira vaga, como “*muitas coisas*”, por isso é importante que, ao escolher os informantes, possamos ter a sensibilidade em procurar pessoas que tenham a percepção da cultura que na qual estão inseridas, já que não vemos isso como algo relacionado apenas ao fato de alguns possuírem mais instrução que os outros. Vimos que as pessoas de mais idade se sentiram satisfeitas em participar da pesquisa e poder mostrar um pouco sobre a sua cultura, suas convicções e crenças, e suas respostas contêm mais informações e detalhes.

Considerando que Labov (2008) definia a variação linguística como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, tendo o mesmo valor, o quadro abaixo trata as variações regionais apontadas por nossos informantes.

**Quadro 7** - Variações regionais

<b>Variações Linguísticas</b>				
<b>Região</b>	<b>Gírias/Expressões</b>			
	<i>Em Costa Rica</i>	<i>Do informante</i>	<i>Em Costa Rica</i>	<i>Do informante</i>
Norte	Bora	Borimbora	Trem bão	Chibata
Nordeste	Debochado	Mangando	Marriola	Carro de mão
Centro Oeste	Cerca de arame	Alambrado	Passado no coador	Bobo
Sudeste	Dinheirismo, carrismo	Não se fala com o sufixo “ismo”	Não adianta chorar pelo leite derramado.	Agora Inês é morta.
Sul	Peão	Galderio	Conzinha	Cozinha

Fonte: A autora (2020).

A variação social ou diastrática pode ser entendida da seguinte maneira: “Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33). Nesse sentido,



observamos que o quadro registra este falar regional que enaltece cada região e mostra as diversidades linguísticas presentes nas gírias, ditados populares e expressões. Embora todos falem a língua portuguesa, cada região tem a sua própria identidade, por isso existem tantos falares diferentes no Brasil, não apenas nos sotaques e dialetos, mas também na própria construção social da língua.

Segundo Coelho (2010), a variação diastrática ocorre devido a alguns fatores, como o grau de escolaridade, assim registramos em algumas respostas, sobretudo da *Informante 8*, que em sua região usa-se a variante *homi*, e em Costa Rica, *homem*. Geralmente a variante padrão, que no caso seria *homem*, recebe mais prestígio que a variante não padrão, exemplificada aqui como *homi*, Amaral também percebeu isso, e em registro como “ein (em) - final de vocábulo, reduz-se a e grave” (AMARAL, 1976, p. 8). O papel da sociolinguística não é de julgamentos, mas mostrar que se *homi* é uma palavra que pertence à determinada região, entendemos que muitos aspectos culturais, sociais e históricos contribuíram para este uso. Logo, essa migrante, tendo contato com as duas variantes, pode escolher usar uma ou outra.

**Quadro 8** - Variações regionais

	Variações Linguísticas			
Região	Cultura			
	Em Costa Rica	Do informante	Em Costa Rica	Do informante
Norte	<i>Não tem danças folclóricas</i>	<i>Dança Carimbó</i>	<i>Festa Junina com quadrilhas e concurso de música</i>	<i>Festa Junina é diferente</i>
Nordeste	<i>Dança Baile</i>	<i>Dança Brega</i>	<i>Música Sertaneja</i>	<i>Forró</i>
Centro Oeste	<i>Desfile é no aniversário da cidade</i>	<i>Desfile de 07 de setembro.</i>	<i>Carnaval em um espaço cultural</i>	<i>Carnaval na rua</i>
Sudeste	<i>Prova de laço</i>	<i>Rodeios</i>	<i>Festa junina/quermesse</i>	<i>É diferente</i>
Sul	<i>Folia dos Reis</i>	<i>Não tem, mas tem Semana Farroupilha que em Costa Rica não tem</i>	<i>Catira</i>	<i>Danças gaúchas</i>

Fonte: A autora (2020).

No quadro 8, temos uma mostra da diversidade cultural das regiões do Brasil comparada à Costa Rica. Nesta cidade, há poucos registros de danças folclóricas, mas em outras regiões isso é muito forte. O desfile de 07 de setembro, em muitas cidades do estado de Mato Grosso do Sul, é um evento prestigioso, mas, em Costa Rica, este acontecimento passou a ser feito no aniversário da cidade. Antigamente, esse desfile era feito descendo a avenida José Ferreira da

Costa, atualmente acontece no Centro de Eventos Ramez Tebet, com a participação de bandas, todas as escolas e secretarias municipais. A festa do laço é uma marca registrada da região, assim como a festa junina e outras, como a Trezena de Santo Antônio, que se encerra com um grande baile no sábado de Aleluia.

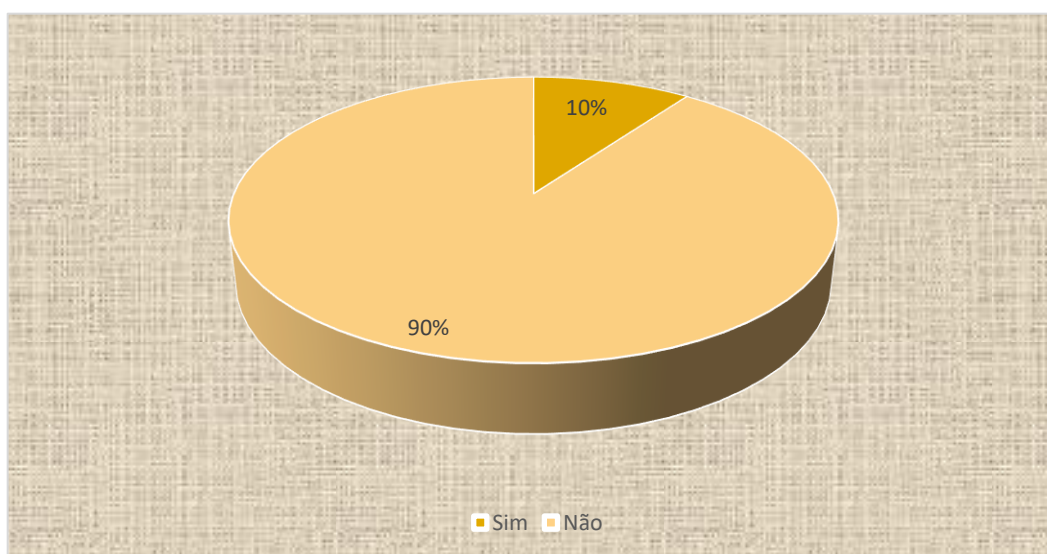
O valor cultural na variação diatópica registrada no quadro 8 aponta as semelhanças e diferenças culturais presentes na região de Costa Rica, que, de certa maneira, devido ao seu processo migratório, a fala e a tradição das famílias migrantes influenciaram na cultura local.

#### 4.6 Item 4: Definição da própria fala

As perguntas a seguir visam identificar como os migrantes veem a própria fala, isto é, de maneira prestigiada ou não, dão a ela o valor semântico representativo por meio de seus discursos manifestos em suas atitudes? A língua, como sistema heterogêneo, não estabelece o vernáculo como algo individual, mas como uma propriedade de grupo (MONTEIRO, 2008), assim, falantes de uma mesma região pronunciarão e terão experiências linguísticas parecidas, que marcam a sua regionalidade, para descreverem o seu falar na totalidade das manifestações linguísticas.

Nessa direção, buscamos conhecer em 9, “**Já sentiu vergonha da sua maneira de falar?**”, se os informantes em algum momento sentiram vergonha de sua própria maneira de falar, resultados que se apresentam no gráfico 4, na sequência.

Gráfico 4 - Alternativas Sim e Não



Fonte: A autora (2020).

O resultado mostra que a maioria, 90 %, respondeu que nunca sentiu vergonha do seu modo de falar, e uma entrevistada justificou sua resposta:

*A informante 1: “Eu nunca tive vergonha porque parece que todo mundo gostava, eu até tive várias situações que as pessoas me paravam para ouvir eu falar, isso aconteceu até fora do Brasil também, eu nunca senti vergonha do meu sotaque.”*

Porém, *O Informante 4* e *A Informante 9* disseram já terem tido vergonha, em algum momento, da sua maneira de falar, conforme relato:

*A Informante 9: “Quando eu cheguei do Estado do Paraná em 1972, dizia: parteleira (prateleira), táuba (tábua), menmo (mesmo), porta (porta), abérta (aberta).”*

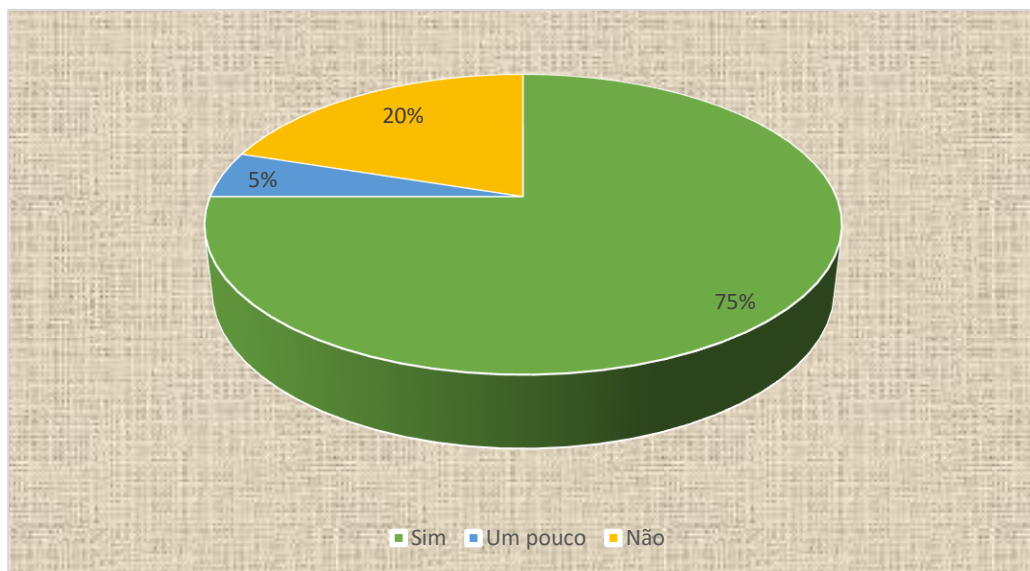
O prestígio de sentir orgulho da maneira de falar dos migrantes de Costa Rica mostram as suas tradições e competências linguísticas de maneira positiva, por transparecer a sua origem, e o falar diferente não parece ser um problema, apenas um diferencial que marca a sua regionalidade. Uma entrevistada contou que, ao ir ao mercado, às vezes ela pedia algum produto com o nome que ela estava acostumada em sua cidade e, em várias situações, as moças do caixa não a entendiam e ela achava isso engraçado, mas tinha consciência de que isso era uma marca registrada da sua fala. Sentir vergonha da maneira de falar expressa o preconceito linguístico, e quando alguém ri ou debocha de um sotaque, está ofendendo não apenas a linguagem, mas toda uma tradição cultural da pessoa.

O preconceito linguístico é, antes de tudo, um preconceito social, atrelado a questões econômicas, culturais, entre outras. “Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada”, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português. (BAGNO, 2002, p. 38). Atualmente, a *Informante 9*, após ser escolarizada, fala a língua portuguesa culta, prestigiada e tem a percepção da fala dos outros migrantes e dos próprios costarriquenses.

As atitudes estão relacionadas ao preconceito, de modo que não é possível falar sobre as atitudes, preconceitos, estereótipos, crenças e atitudes de maneira distinta, logo, se houver o preconceito, as atitudes podem ser negativas (JACUMASSO, 2018). Provavelmente, isso justifica a resposta de um informante: “*Não! Procuo sempre me corrigir e me expressar bem!*”, com o receio de se expressar mal ou ser mal entendido, e, eventualmente, sofrer preconceito linguístico. O monitoramento da língua, nesse caso, limita que as atitudes e as crenças linguísticas sejam mais evidenciadas na fala.

Em 10, “**Acredita que possui sotaque?**”, buscamos saber a percepção linguística de nossos informantes sobre a existência de sotaque em sua fala

**Gráfico 5** - Alternativas Sim e Não



**Fonte:** A autora (2020).

Ao perguntar sobre as crenças e atitudes relativas à identificação de uma pessoa pelo seu jeito de falar, Sabadin destacou: “[...] a maioria dos informantes sinaliza o sotaque como um ponto marcador da origem; outros destacam o léxico; alguns acreditam que o falante pode ser identificado pelo tom da voz, por expressões próprias utilizadas pela região de origem.” (SABADIN, 2013, p. 117). O que parece significar que, para os informantes, o sotaque está relacionado diretamente a pronúncia da palavra, o modo ao qual ela é dita, com as características próprias de sua região.

A *Informante 6* considera que possui “*Um pouco de sotaque*”. Os *informantes 1 e 5*, e a *Informante 4*, não consideram possuir sotaque. Esta última, sendo de Minas Gerais, talvez não consiga perceber a diferença entre o seu sotaque e o sotaque da região, pois ambos possuem dialetos parecidos e vocabulário semelhante, já que o sotaque não é apenas o jeito de falar, a forma peculiar de pronunciar as palavras, mas também os estereótipos que envolvem a fala, marcando, assim, a identidade do falante.

O mesmo fenômeno foi observado por Lima Neto (2018), ao investigar a afirmativa dos brasilienses de que eles não possuem sotaque, inclusive o próprio pesquisador acredita que não possuía sotaque, que sua maneira de falar seria neutra, mas, após estudo sociolinguístico, ele

conseguiu rastrear este sotaque, que ora chama de dialeto, concluindo a mistura das variedades linguísticas construída pelas diversas origens de migrantes que formam o falar brasileiro.

Ainda sobre o sotaque, pedimos que nossos informantes, caso tivessem respondido afirmativamente à questão 10, dissessem qual era seu sotaque, e que o descrevesse, se possível. As respostas estão organizadas no quadro 9 para a seguinte pergunta: “**11. Se marcou Sim, qual é o seu sotaque? Consegue descrevê-lo?**”

**Quadro 9** - Descrição do sotaque

Região	Entrevistado	Estado	Como descreve
Norte	<i>O Informante 6</i>	Santana do Araguaia	<i>Eu puxo muito o “R” na palavra. Não sei descrever.</i>
Nordeste	<i>O Informante 7</i>	Pernambuco	<i>Não puxamos a letra R das palavras.</i>
Centro Oeste	<i>O Informante 4</i>	Mato Grosso	<i>Sotaque sul mato grossense.</i>
Sudeste	<i>A Informante 1</i>	Rio de Janeiro	<i>Eu tenho o r mais na garganta.</i>
	<i>A Informante 7</i>	São Paulo	<i>Mistura de paulista com sul-mato grossense.</i>
	<i>O Informante 9</i>	Minas Gerais	<i>Mineirez da roça.</i>
Sul	<i>A Informante 2</i>	Rio Grande do Sul	<i>Sotaque gaúcho, onde o R é bem forte nas palavras.</i>
	<i>O Informante 3</i>	Rio Grande do Sul	<i>Por ser descendente de italiano troca algumas palavras. Por exemplo: Palavras com dois rr.</i>

Fonte: A autora (2020).

As descrições dos *Informantes 6 e 9* podem ser explicadas, segundo Amaral:

[...] r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é linguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico. É, muito provavelmente, o mesmo r brando dos autóctones. Estes não possuíam o rr forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema. (AMARAL, 1976, p.5).

Essa é a descrição de uma pronúncia observada tanto no falar do costarricense quanto no de alguns migrantes, afinal a variação linguística carrega sim exatamente a diversidade, a heterogeneidade linguística. O “r” caipira surgiu na região de São Paulo, conforme estudo de Amaral (1976), com um fenômeno fonético mais restrito a classes inferiores e pouco presente na classe alta, mas, com as misturas dos dialetos, foi possível constatar, conforme exposição, que em outras regiões, como Goiás, ocorre a mesma variação fonética, como aponta Head:

As características deste nosso falar continuam, portanto, ainda hoje, e muito vivas e persistentes até entre as pessoas mais cultas, desmentindo a afirmação de Amadeu Amaral, (segundo a qual o dialeto caipira estava em vias de desaparecimento). Existem áreas onde tais características são mais vivas que em outras e, de um modo

geral, podemos afirmar que são aquelas cidades de fundação bandeirantes: Itu, Porto Feliz, Tietê, Atibaia, Bragança, Piracicaba, Tatuí, Limeira, Taubaté. Foram os bandeirantes paulistas que disseminaram por essas áreas a sua maneira de falar e as (sic) levaram aos Estados que surgiram de seus descobrimentos de minas especialmente Mato Grosso, Goiás, sul de Minas, norte do Paraná (HEAD, 1978, p. 22-23).

Esses diversos falares podem ser percebidos, ao se estudar as distintas origens geográficas dos migrantes. Assim, a pronúncia do “r” na garganta, “rr” na mistura de pronúncia entre a língua portuguesa e a italiana, são atitudes complexas resultantes do contato com outros grupos de falas ou comunidades, e que vão levando o indivíduo a se familiarizar e desempenhar outras variações linguísticas conforme as influências que vai recebendo. Assim, ao se misturar o sotaque dos goianos, dos paulistas, dos paraguaios, e outros presentes na região de Costa Rica, acreditamos que esses sotaques e dialetos locais possibilitam ao falante escolher o falar que mais lhe parece agradável.

Pelas respostas dos entrevistados, na pesquisa de Oliveira (2020), não percebemos que os costarriquenses possuem a mesma preocupação que Bisinoto (2000) registrou em sua pesquisa, que o falar dos cacerenses está desaparecendo, devido ao desprestígio que os nativos mais novos têm sobre a concepção de como falam os cacerenses mais velhos. Provavelmente, o falar caipira dos costarriquenses está tão vivo e evidente, que o modo como falam os sulistas, goianos, cariocas e todos os outros não são fortes o suficiente para apagar a marca linguística de como falam os costarriquenses. Ressaltamos, aqui, que os migrantes têm influências em todos os âmbitos da cidade, mas não parece perceptível que isso é dominante sobre os costarriquenses.

#### **4.7 Item 5: Definição de como os migrantes veem a fala dos costarriquenses**

Pelos relatos e análises, concluímos que os migrantes veem a fala dos costarriquenses como caipira ou do campo, pelo sotaque “arrastado”, pela maneira calma de pronunciar as palavras e por algumas expressões oriundas da zona rural que são usadas, também, na cidade, independentemente da escolaridade ou do nível social, talvez por ser uma herança familiar.

Constatamos, também, que mesmo os costarriquenses com ensino superior e acesso à norma culta, a forma escolhida para se comunicar no dia a dia continua com o mesmo vocabulário de seus pais, o que implica dizer “*nóis foi*”, por exemplo. Particularmente, acreditamos fazer parte da convivência e influência recebidas pelas pessoas com as quais eles convivem. Alguns informantes registraram que acham que os costarriquenses falam “*tudo*

*igual*”, uma herança familiar, que envolve todos os falantes, de todas as idades, classes sociais e nível escolar.

Em 12, “**Quando chegou à Costa Rica percebeu algo na fala dos nativos?** ”, queríamos compreender a atitude linguística dos migrantes em Costa Rica sobre o falar costarricense. As respostas deles são apresentadas no quadro 10.

**Quadro 10** - Visão que os migrantes têm da fala dos costarricenses

A Informante 3	<i>O sotaque muito carregado no S e no R.</i>
A Informante 7	<i>Sotaque mais forte, uma educação diferente como menino e menina separados.</i>
A Informante 8	<i>Falam muito pausadamente e cantado.</i>
O Informante 4	<i>Falavam algumas coisas parecidas com a da minha região.</i>
O Informante 5	<i>Mais ruralizado.</i>
O Informante 6	<i>O “R” diferente kkkk.</i>
O Informante 9	<i>Esse jeito mais calmo, mais arrastado de falar.</i>

Fonte: A autora (2020).

A variedade de vocabulário na região sugere que os migrantes destacaram a pronúncia do “r” caipira como um diferencial da fala. Essa variante chegou em Costa Rica principalmente com os migrantes mineiros, que possuem o mesmo “r” retroflexo. O jeito calmo e arrastado, segundo o informante, também são marcas linguísticas, pois alguns migrantes apontaram que os costarricenses costumam “*estar cantando*”, e não falando.

Alves (1979) também percebeu a presença do “r” retroflexo na fala dos seus entrevistados nordestinos. Essa variante estigmatizada na pronúncia do “r” caipira era vista como vergonhosa, de pessoas ignorantes que moravam no sertão e possuíam baixa escolaridade. Outro julgamento que Alves ressaltou foi o fato de pessoas da capital falarem diferente das pessoas do interior, entretanto, esse aspecto não foi registrado nesta pesquisa, já que os entrevistados não perceberam essa diferença.

Não foi possível notarmos, pela descrição das respostas, que os informantes consideram o jeito do falar costarricense com menosprezo ou preconceito, pois, ao descreverem como eles falam, especificadamente o /s/ e /r/ “ruralizados”, não registramos desmerecimento. Em alguns casos, esses fenômenos nas falas dos costarricenses parecem agradar aos migrantes.

Em 13, “**Quais expressões na fala dos costarricenses considera diferente?** ”, pedimos aos nossos informantes que identificassem expressões na fala dos costarricenses que eles acreditam ser diferentes. No quadro 11, organizamos os resultados dessa questão.

**Quadro 11** - A fala do costarricense

<i>O trem bão, eu nunca tinha ouvido falar kkk, é uma gíria muito comum na Costa Rica. Outra gíria, que não é bem uma gíria, é mais uma expressão, eu acho engraçado, eu vi que é bem diferente, as pessoas falam Oie e vez de falar oi kkk</i>
---

<i>As pessoas aqui falam muito ‘ahan, ahan’, ‘mais heim’, ‘vamos banha’ e não nadar.</i>
<i>Bom dia, cê tá boa?, Eu sou o homem lá de casa. (dito por mulher)”</i>
<i>Nomes diferentes para nomeação, tocar de roda, custosa, conzinhar.</i>
<i>Comer arrois mais nós. Vai não.</i>
<i>Nomes de peixes.</i>
<i>Estrorvando, guri, no doze.</i>
<i>Achei interessante algumas palavras, que nunca tinha ouvido, como por exemplo ridicar.</i>

**Fonte:** A autora (2020).

Mais uma vez as influências mineira e sulista estão presentes, representadas no quadro como *O trem bão* e *Guri*. O sotaque caipira, principalmente de quem vive no campo, é notado em palavras como *estrorvando*, *arrois* e *nóis*, entre outras, que, embora sejam usadas por pessoas escolarizadas, continuam a pronunciar *conzinhar*.

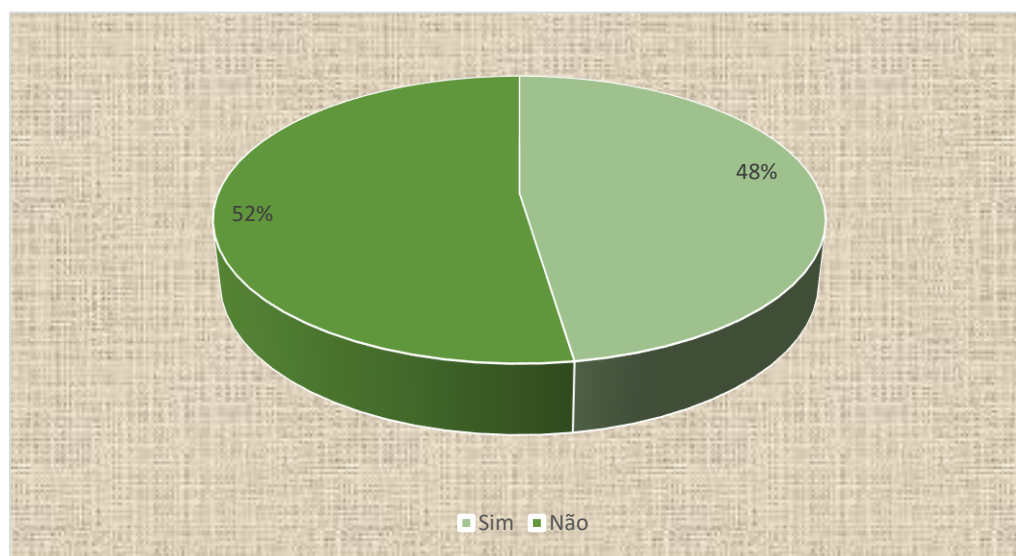
Silva (2016), ao realizar a pesquisa *Contatos Bilíngues: Atitudes Linguísticas da interação do falar boliviano com o falar cacerense*, registrou a visão que os imigrantes possuem da fala dos cacerenses: “Os julgamentos de nossos informantes em relação ao falar cacerense representam uma avaliação de natureza positiva, classificada como “normal”, “agradável”, apesar de ter “muito sotaque”” (SILVA, 2016, p. 45). Em ambos os casos, embora as culturas sejam diferentes, os sotaques e dialetos também, os imigrantes demonstraram aceitação em relação aos falares. Sobre os migrantes em Costa Rica, não percebemos que eles desprestigiaram o falar da região, mas conseguiram apontar, de maneira positiva, a realidade linguística sobre como os costarriquenses se expressam.

Uma informante respondeu que *é comum na Costa Rica* [...], esse uso da preposição *na*, e frequentemente *da*, ocorre quando os costarriquenses se referem ao local ao qual nasceram ou residem, isto é, eles dizem que moram *na* Costa Rica, são *da* Costa Rica. É interessante que uma migrante já tenha se familiarizado com as preposições *na* e *da*, a ponto de usá-las em seu discurso com o mesmo objetivo dos costarriquenses. O fato de essa informante ser uma pessoa com ensino superior completo aponta para a ocorrência de um possível fenômeno da variação linguística, pois não se limita ao uso apenas de pessoas não ou pouco escolarizadas. A norma culta, segundo Rocha Lima, defini preposições como “são palavras que subordinam um termo da frase a outro — o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro” (ROCHA, 2011, p. 231). Sendo assim, “a preposição pode estabelecer diferentes relações” (ROCHA, 2011, p. 319), uma delas seria a de circunstância adverbial de lugar, em que a preposição *em* deve estabelecer uma concordância com o substantivo seguinte, no caso, *em* Costa Rica, o que seria mais prestigioso pela norma padrão, mas percebemos que pode não ser uma questão de conhecimento intelectual, mas de escolha lexical.



Outra questão investigada nesta pesquisa foi a percepção dos migrantes sobre o falar costarricense de pessoas de mais idade e de pessoas mais jovens. Gostaríamos de saber se eles percebem alguma diferença nesses dois grupos. Esta é a questão 14: “**Consegue perceber que os costarricenses de mais idade falam diferente em relação às pessoas mais novas?** ”, cujos dados são descritos no gráfico 6.

**Gráfico 6** - Os costarricenses de mais idade falam diferente em relação às pessoas mais novas?



**Fonte:** A autora (2020).

Para a resposta *não*, os informantes não justificaram sua resposta, ou apenas relataram que falam parecidos. Algumas das diversas justificativas, para *sim*, foram selecionadas, conforme organização da tabela:

**Quadro 12** - Justificativas da escolha Sim

<i>O Informante 1</i>	<i>Sim, também possuem mais paciência, em geral.</i>
<i>O Informante 9</i>	<i>Sim, é uma fala mais arrastada, mais caipira. obs: -eu gosto muito.</i>
<i>O Informante 7</i>	<i>Sim, os mais velhos usam vocabulário mais simples.</i>
<i>A Informante 2</i>	<i>Sim, nós foi, nós vai.</i>
<i>A Informante 6</i>	<i>Sim, porque os mais jovens convivem com pessoas de outras raças e culturas (migrantes) e acabam modificando e se modificando ao longo do tempo. Há uma miscigenação de culturas.</i>

**Fonte:** A autora (2020).

A obra de Amadeu Amaral (1976) é a primeira pesquisa que buscou descrever o dialeto caipira. O *lócus* da pesquisa foi em algumas cidades do estado de São Paulo. A seguinte resposta – *Sim, é uma fala mais arrastada, mais caipira. obs: -eu gosto muito* – pode ser entendida conforme explicação:

Os acentos em que a voz mais demoradamente carrega, na prolação total de um grupo de palavras, não são em geral os mesmos que teria esse grupo na boca de um português; e as pausas que dividem tal grupo na linguagem corrente são aqui mais abundantes, além de distribuídas de modo diverso. Na duração das vogais igualmente difere muito o dialeto: se, proferidas pelos portugueses, as breves duram um tempo e as longas dois, pode-se dizer, comparativamente, que no falar caipira duram as primeiras dois tempos e as segundas quatro. Este fenômeno está estreitamente ligado à lentidão da fala, ou, antes, se resolve num simples aspecto dela, pois a linguagem vagarosa, cantada, se caracteriza justamente por um estiramento mais ou menos excessivo das vogais (AMARAL, 1976, p.4).

Em diversas respostas foi possível constatar o que Amaral também percebeu no dialeto caipira, esta lentidão em falar, como se cantando, uma variação típica dos paulistas caipiras (da época), e também dos costarriquenses, que, mesmo morando na cidade, falam como as pessoas da zona rural. Provavelmente, isso pode ser um fenômeno cultural, já que, conforme exposto, este falar caipira não se remete apenas a pessoas simples, sem estudo, mas, pela convivência com elas, pessoas com mais de 30 anos de idade possuem a tendência em falar de maneira semelhante.

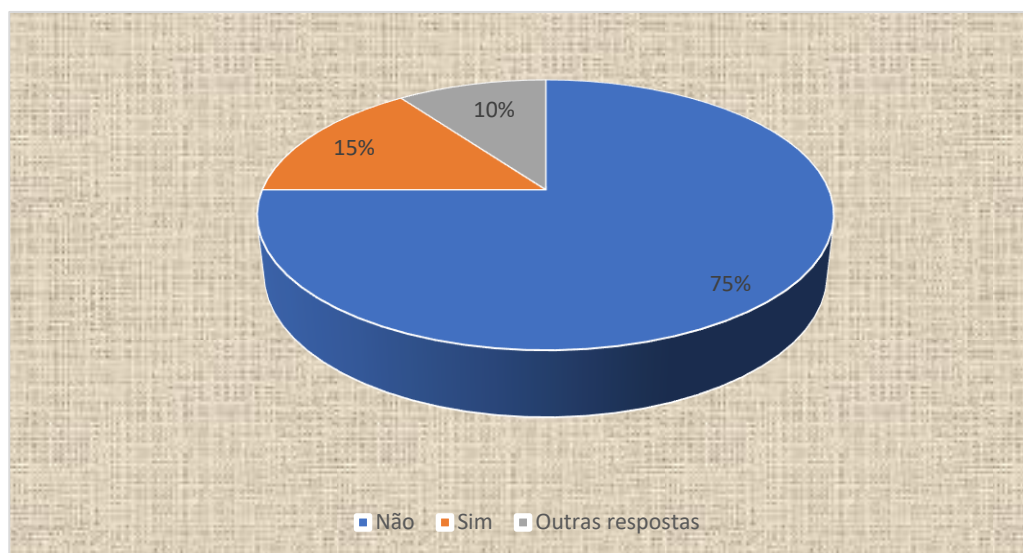
Na resposta: *“Sim, porque os mais jovens convivem com pessoas de outras raças e culturas (migrantes) e acabam modificando e se modificando ao longo do tempo. Há uma miscigenação de culturas”*, podemos perceber que este migrante, além de notar as diferenças nos falares das duas gerações, também conseguiu diagnosticar o porquê de a fala não ser similar. Ainda sobre o estudo de Amaral (1976), o falar paulista começou a receber outras influências, no caso, chamado por ele como “caipirismo”, que “não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana” (AMARAL, 1976, p. 1), passando por transformações trazidas pelo progresso. Acreditamos que o falar caipira da região seja uma manifestação linguística ligada diretamente à identidade, já que os próprios costarriquenses e os mineiros que foram entrevistados para cá não perceberam diferença no sotaque, o que reforça ser uma questão muito além da língua, trata-se do modo de se viver e de se relacionar com as demais pessoas.

#### **4.8 Item 6: Prestígio na fala dos migrantes**

“A importância da língua falada para o estudo científico está principalmente no fato de ser nessa língua falada que ocorrem as mudanças e as variações que incessantemente vão transformando a língua” (BAGNO, 2002, p. 51). Essa transformação da língua ocorre, por vezes, devido ao processo de miscigenação existente no Brasil, que, conseqüentemente, atinge a língua e os processos internos e externos que justificam uma pessoa falar de determinado

modo, aspecto investigado na pergunta 15 “**Acredita que existe um jeito correto de falar?**”, e apresentado no gráfico 7.

**Gráfico 7** - Alternativas Sim e Não



**Fonte:** A autora (2020).

Do ponto de vista dos entrevistados, 75% acreditam não existir uma maneira correta de falar, esta porcentagem indica que há crenças e atitudes linguísticas positivas em relação ao falar de Costa Rica, sendo assim, os migrantes julgam mais bonito a sua própria variedade. Segundo Calvet (2002), em todos os países há um lugar onde a língua nacional é pura. Em Oliveira (2020), os nativos de Costa Rica julgam que a fala *paulista*, seguida da *sulista*, são consideradas, por eles, as mais corretas.

**Quadro 13** - Alternativas Sim e Não

Não	<i>O Informante 7</i>	<i>Não, cada região tem seu dialeto, sua cultura e costumes diferentes.</i>
	<i>A Informante 1</i>	<i>Eu acho que não existe um jeito certo de falar, essa regionalidade para mim é muito joia, que as pessoas tiveram origem diferente, mesmo falando o meu idioma. Esse idioma teve uma história diferente em cada região. Eu acho muito legal, inclusive nos ajuda a identificar de cada região a pessoa é.</i>
Sim	<i>O Informante 2</i>	<i>Acredito que sim, é importante o jeito de falar, pois as pessoas próximas tem a percepção se você fala certo ou errado.</i>
Outras respostas	<i>A Informante 3</i>	<i>Existe a língua culta, mas toda maneira de falar é correta, pois cada região tem sua cultura, suas peculiaridades, falar diferente com sotaque, não significa falar errado.</i>

**Fonte:** A autora (2020).

De acordo com Calvet, “[...] por trás dos estereótipos se perfila a noção de *bon usage* (“uso certo”), a ideia segundo a qual há modos de bem falar a língua e outros que, em comparação, são condenáveis” (CALVET, 2002, p. 68). Vimos que na justificativa do

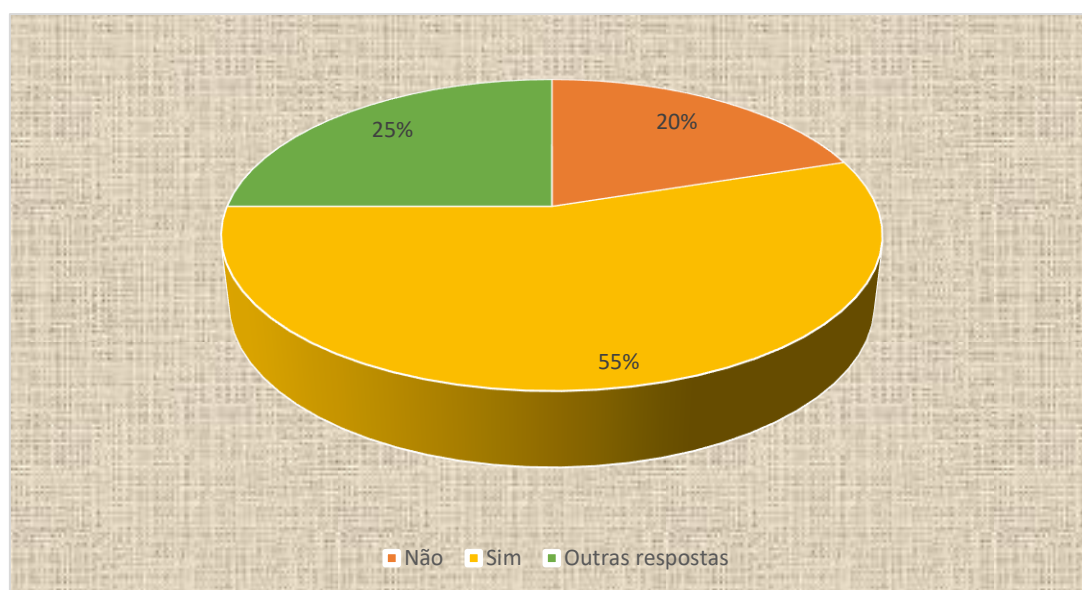
*Informante 2*, tem-se a preocupação com o preconceito linguístico e com o julgamento, que é comum, mas, na realidade, sendo julgado pela sua maneira de falar, analisa-se seu conteúdo linguístico, suas crenças e suas atitudes.

Cada região tem seu próprio sotaque e dialeto, o que nos mostra, nas respostas, que os migrantes acham isso importante, já que, apenas ouvindo alguém falar, é possível perceber de qual região do Brasil a pessoa é. Junto com esta informação, as atitudes linguísticas também são perceptíveis, por estarem relacionadas a valores presentes na fala e na maneira de ser de cada um. Existe uma história, um relato de experiência, crenças e concepções no modo de uma pessoa se expressar, que ultrapassa a norma culta, o julgamento de “certo” ou “errado”. Assim, apesar de o *Informante 2* achar que é muito importante falar corretamente, percebemos que há receio nele de julgamentos por parte das pessoas que convivem com ele.

De maneira geral, a resposta de que não existe uma maneira correta marca o fato de cada pessoa é representante de sua região e que essa diversidade faz com que as culturas se misturem e surjam outras.

Em 16, “**Considera que já fala de maneira similar aos costarriquenses?**”, procuramos investigar até que ponto houve influência do falar costarriquense na fala dos migrantes, que os levassem a perceber que falavam de forma similar ao costarriquense. Os dados são organizados no gráfico 8.

**Gráfico 8** - Alternativas Sim e Não



**Fonte:** A autora (2020).

**O Informante 9:** “*Sim, quando volto para visitar meus familiares, eles vivem rindo do meu jeito de falar.*”

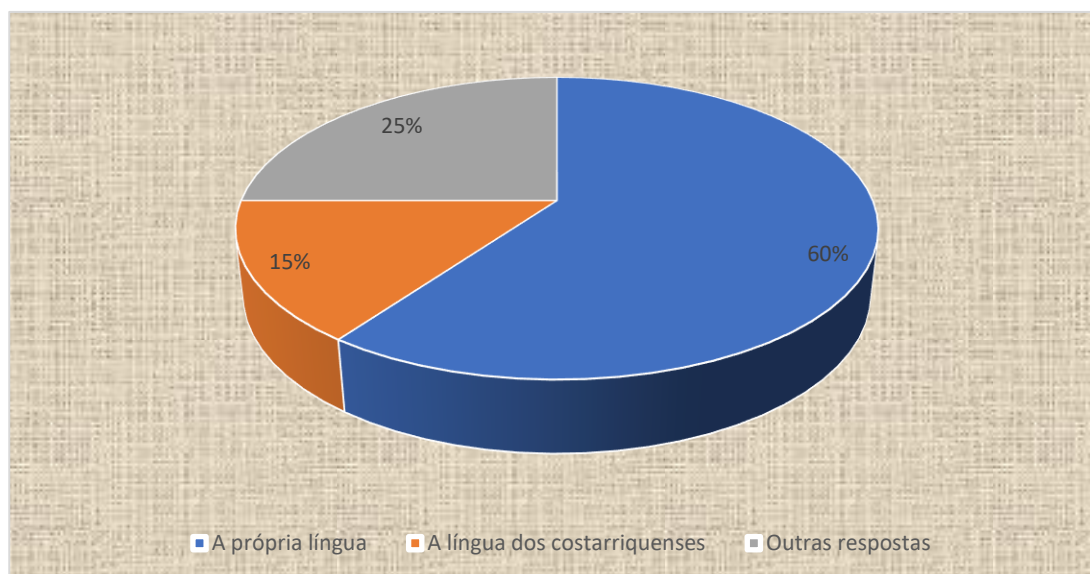
Outras respostas: “*Nem tanto*”, “*Mais ou menos*”, “*Algumas coisas sim*”, “*Não percebo diferença*” e “*Às vezes falo igual a minha amiga de serviço.*”

A mudança linguística na fala dos migrantes é um processo explicado pela Teoria da Variação e Mudança que Labov chamou Sociolinguística Quantitativa. Assim, fica evidente que os fatores externos da língua acabam influenciando a maneira de falar das pessoas e a mudança é algo perceptível. Observamos que as pessoas que moram há mais tempo em Costa Rica, de certo modo, apresentam em sua fala algum aspecto de semelhança com a maneira particular do falar costarricense.

O *informante 9*, quando registra que já está tão habituado à sua maneira costarricense de falar, remete ao conceito de condicionadores linguísticos e sociais, apresentados por Coelho (2010), uma vez que ele tem a possibilidade de escolher qual variante usar, dependendo do ambiente e da circunstância de seu discurso.

Ao notar que construiu a sua fala similar à dos costarricenses, demonstra atração e aceitação pela fala local, como explica Corbari: “[...] a agradabilidade ou não de uma variedade linguística é uma convenção social consagrada pelo tempo, de modo que as qualidades emotivas associadas a essa variedade são dependentes dos atributos sociais de seus falantes” (CORBARI, 2013, p. 69). A liberdade de decidir qual a maneira mais prestigiosa de se falar não torna uma língua ou um falar superior ao outro, apenas aponta que o migrante, na sua percepção sobre os diversos falares, optou, às vezes sem perceber, pelas influências que geralmente são formadas nas comunidades de fala à que ele pertence.

Por fim, em 17, “**Qual falar você acha ser o mais bonito?**”, perguntamos aos informantes qual falar é mais bonito, se o seu ou o do costarricense. No gráfico 9, temos os resultados.

**Gráfico 9** - A própria fala ou a fala dos costarriquenses

**Fonte:** A autora (2020).

Algumas outras respostas foram registradas sobre essa pergunta, como se observa, na sequência:

*“As duas, porque possuem várias influências por ser uma região colonizada por pessoas vindas de muitas localidades: gaúchos, paulistas, mineiros...”. “As duas. Porque são formas de falar e de se expressar bem distintas carregadas de cultura de história” e “São muito parecidas, não vejo diferença.”*

A visão prestigiosa da própria fala do migrante frente ao falar de Costa Rica nos lembra os apontamentos de Labov (1972), apresentados por Monteiro: “[...] a variação linguística própria da classe dominante se impõe, pois, como marca de prestígio e determina a atitude dos falantes dos grupos dominados face à sua própria variedade” (MONTEIRO, 2008, p. 65). Assim, esta fala misturada à fala dos costarriquenses “adquire um certo prestígio e pode até ser imitada” (MONTEIRO, 2008, p. 67), é o que este estudo constatou, muitas marcas linguísticas de diferentes regiões do Brasil presentes na fala, na cultura e no cotidiano das pessoas que absorveram o que era bom das outras culturas e adequou-se à realidade sociolinguística da cidade. “Identificar-se com uma língua ou uma variedade linguística é antes querer fazer parte e tomar para si um ideal social formado pela tradição, pelos padrões determinados e convencionados como mais prestigiosos e adequados” (SABADIN, 2013, p. 138).

Os migrantes que responderam (15%) que a fala dos costarriquenses é mais bonita que a sua talvez estejam tão inseridos na cultura local que veem essa fala como mais prestigiosa, ou “[...] há insegurança linguística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco

valorizador e tem em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam” (CALVET, 2002, p.72).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o princípio de um trabalho que tem muitas expectativas para ainda serem analisadas acerca das atitudes linguísticas da região de Costa Rica, cidade de conteúdo significativo para a pesquisa sociolinguística. É o fim desta etapa, mas um recomeço para novas concepções que a Tríplice Divisa pode proporcionar à pesquisa variacionista.

As inquietações dos objetivos levantados durante a construção desse texto mostram que as atitudes linguísticas dos migrantes residentes em Costa Rica são de prestígio e que toda a regionalidade envolvendo os aspectos da variação, variedade e variável contribuiu para o vernáculo local, sem desprestigiar o que a cidade tem a oferecer a esses migrantes. Sendo assim, a hipótese levantada de como essas outras culturas estariam presentes no município colocou em evidência o impacto cultural que a cidade recebeu desses migrantes, desde a sua fundação. Vimos que, até certo ponto, a familiaridade com o local levou a alguns migrantes a não conseguirem ver diferença entre a sua cidade natal e a que residem.

As perguntas nortearam os fenômenos linguísticos encontrados na fala e nas atitudes dos entrevistados, já que eles veem o falar dos costarriquenses como rural, semelhante ao caipira, devido à presença do *r* e *s* mais arrastados, fala estigmatizada pela pronúncia calma e pausada. Vale ressaltar que esta é também a visão que os próprios nativos de Costa Rica têm sobre si mesmos.

Constatamos alguns traços no perfil dos informantes ao responderem o questionário semiestruturado, como o fato de que as mulheres tiveram respostas mais completas do que os homens. Entendemos que a visão que as mulheres têm sobre o próprio dizer não é idêntica à visão dos homens, visto que elas não falam da mesma maneira que eles, e, em alguns momentos, detectamos mais elementos afetivos em suas respostas.

Em geral, as pessoas escolarizadas, que possuem nível superior completo, destacaram-se em suas respostas, não pela concepção de certo ou errado, mas por terem mais bagagem sociolinguística sobre a sua própria fala e a fala do outro. As respostas foram mais concisas e exploraram, de maneira mais completa, a descrição do que se pedia.

As atitudes linguísticas nos relatos dos migrantes, principalmente dos sulistas e paulistas, mostraram o orgulho que eles sentem da sua região. As crenças que envolvem seu perfil sociolinguístico também destacaram o prestígio de identidade cultural.

Os estereótipos individuais foram registrados na maneira como os entrevistados faziam uso da sua língua e demonstraram orgulho do próprio estilo de fala, independentemente das cidades que já moraram e do tempo em que saíram da sua terra natal. A relação dos falares no



seu discurso aponta para as raízes que criaram com as pessoas de sua família e com a comunidade de fala a que ele pertence ou pertenceu, na maior parte de sua vida.

A classe social, como já era previsto pelos estudos de Labov, também foi perceptível, pois as pessoas que possuem contato com outros idiomas são influenciadas, e possuem uma bagagem cultural diferente daquelas de classe social inferior e que não tiveram tanto contato com variedades linguísticas distintas.

A idade também foi perceptível, uma vez que os mais jovens não responderam tão prontamente como as pessoas de mais idade, que detalharam tanto algumas perguntas que foi difícil selecionar as respostas. Os mais jovens deram respostas afirmativas ou negativas, com poucas descrições, principalmente os homens.

Os relatos estão registrados sem julgamentos, já que tentamos entender os aspectos históricos, sociais, emocionais e culturais que envolvem o perfil sociolinguístico dos informantes por meio das atitudes linguísticas registradas em suas falas. Em vários momentos das análises, percebemos a presença da pesquisa laboviana quanto às mudanças linguísticas pelas quais passaram os informantes até residirem em Costa Rica, vimos que as transformações sociais são carregadas de um desejo de melhoria na qualidade de vida desses migrantes, em busca de “*novos horizontes*”.

As atitudes e crenças linguísticas que envolvem os migrantes são positivas quanto ao falar seguro, sem que ficassem preocupados com a norma culta, embora alguns tenham sentido receio de terem respondido “errado”, razão pela qual deixamos os informantes livres para responderem ao questionário da maneira como achassem mais fácil e simples de registrarem tudo o que pensavam sobre cada pergunta.

A concepção que os migrantes têm da própria maneira de falar mostra que, mesmo em terra diferente, as raízes linguísticas continuam em seu sotaque, crenças e hábitos de maneira positiva, chegando a influenciar a fala dos próprios nativos da região estudada. As atitudes linguísticas deles estão pautadas na visão afetiva que possuem com a própria língua. Alguns estão tão inseridos na cultura local que a fala está carregada do sotaque costarricense.

Conseguimos perceber as influências externas que os entrevistados apresentaram sobre as pessoas com as quais conviveram, as cidades que moraram, para registrarmos as muitas variantes na fala dos migrantes, e é notável que eles passaram por vários processos em sua própria história, para construir o vernáculo que hoje possuem.

Alguns entrevistados apresentaram satisfação em fazer parte desta pesquisa, porque puderam lembrar sua infância, os familiares, pensaram sobre a própria língua e como construíram sua fala, inseridos nessa nova cultura costarricense, de modo que, embora sintam

saudade das pessoas e do lugar que nasceram, falar sobre a cultura trouxe muitas lembranças boas.

Como migrante paulista, filha de um nordestino e de uma sul-mato-grossense, abro um parêntese nesse estudo para dizer que minha percepção sobre esta pesquisa foi totalmente motivada por esse fator, pois comecei a perceber o quanto eu estava envolvida com os falares e a cultura de Costa Rica, após anos morando nesta cidade. Na realidade, tomei emprestado os vocábulos que hoje fazem parte da minha fala, expressões como *trem*, *eita pega e no doze*. Noto que os costarriquenses falam como os seus antepassados, uma característica particular dos nascidos neste município, não um desleixo com a norma culta, mas uma marca registrada na fala das famílias mais tradicionais.

Costa Rica é uma cidade muito rica em cultura, é fácil envolver os migrantes, por isso a maior parte deles não deseja se mudar, porque a tranquilidade, a hospitalidade das pessoas generosas e a estabilidade, inclusive econômica, são fatores primordiais para se sentirem acolhidos, como parte da cultura local.

Por fim, deslumbramos que, a partir da leitura desta dissertação, os professores atuantes em Costa Rica, em especial os que lecionam a disciplina Língua Portuguesa, possam enxergar os alunos migrantes de maneira a valorizá-los, sem que ocorra ou permita que ocorra o preconceito linguístico na sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, M. I. P. M. **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo**: uma abordagem prévia. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes lingüísticas**: quem fala a língua brasileira? *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português Brasileiro II*. Niterói: EdUFF, 2008. p. 311-328.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1976. [1920].
- ASSECOM. 2019. Disponível em: <http://costarica.ms.gov.br/noticia/2696-82-festa-do-senhor-bom-jesus-o-santo-fujao-da-capela-sera-realizada-de-02-a-04-de-agosto-em-costarica.html>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- ATVOS. 2017. Disponível em: <https://www.atvos.com/>. Acesso em: 02 jun. 2020.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.
- BEM, D. J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.
- BISINOTO, L. S. **Atitudes sociolinguísticas em Cáceres-MT**: efeitos do processo migratório. 2000. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Atitudes sociolinguísticas**: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes; RG Editores, 2007.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto (Portugal): Porto Editora, 1996.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CALVACANTE, M. C. B. **Sociolinguística**. 2011. Disponível em: [http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/sociolinguastica\\_1330351479.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/sociolinguastica_1330351479.pdf). Acesso em: 30 jun. 2020.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMPO GRANDE NEWS. **Gigante de etanol em recuperação judicial garante continuar a investir em MS**. 2019. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/economia/gigante-de-etanol-em-recuperacao-judicial-garante-continuar-a-investir-em-ms>. Acesso em: 06 jun. 2020.
- CENSO. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 03 abr. 2020.

CHAGAS, P. A mudança linguística. *In*: FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à linguística**: objetos teóricos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: [http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica\\_UFSC.pdf](http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf). Acesso em: 30 abr. 2020.

CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas**: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste. 2013. 259 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

COSTA RICA. **Mato Grosso do Sul**. Brasil. Disponível em: <http://turismocostaricams.com.br>. Acesso em: 10 nov. 2020.

COSTA RICA, 2013. Disponível em: <https://www.costarica.ms.gov.br/nossacidade/4-costarica.html>. Acesso em: 19 jun. 2020.

CUNHA, M. **Costa Rica**: história e genealogia. Campo Grande – MS: Editora Fenix, 1992.

\_\_\_\_\_. **O Bandeirante** - (Pay Pirá): Antônio Pires de Campos e os Caiapó. Paranaíba, MS: Caiapó Editora, 2005. 20 p. il.

\_\_\_\_\_. **Costa Rica**: pioneiros que construíram o progresso de Costa Rica. Paranaíba, MS: Editora Caiapó, 2009.

\_\_\_\_\_. **Fotolivro**: Memória fotográfica de Costa Rica. Paranaíba-MS: Editora Caiapó, 2014.

FASOLD, R. W. Language attitudes [1974]. *In*: FASOLD, Ralph (ed.). **The sociolinguistics of society**. Oxford, England; New York, NK, USA: Basil Blackwell, 1984, p. 115-134.

FERNÁNDEZ, F. M. **Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

GOOGLE MAPS. **Costa Rica**. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Costa+Rica+-+MS>. Acesso em: 02 jun. 2020.

GIMENES, G.S., NUNES-MENDES, A.N. B. As expressões “égua” e “mana” na linguagem do amapaense. *In*: DALLA PRIA et. al. (Orgs). **Linguagem e línguas**: invariância e variação. Campinas-SP: Pontes, 2014.

HEAD, B. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do “R Caipira”. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 13, p. 5-39, 1987.

JACUMASSO, T. D. **Atitudes, representações e políticas linguísticas**: lugares que a língua espanhola ocupa no imaginário dos paranaenses. 222 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras: língua espanhola e literaturas espanhola e hispano-americana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- LIMA NETO, N. V. **Brasília, sua gente, seus sotaques**: difusão candanga e focalização brasiliense na capital federal. 2018. 259 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- ROCHA, L. Gramática normativa da língua portuguesa. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. *In*: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003.
- MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 3. ed. - Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Contexto, 2006.
- OLIVEIRA, W. R. M. Atitudes linguísticas na fala dos costarriquenses. **Traços de Linguagem**, v. 4, n. 1, p. 38-49, 2020.
- RAMOS, J. M. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, ano 6, n.5, v.1, p.103-125, jan./jun. 1997.
- SABADIN, M. N. **Crenças e altitudes linguísticas**: aspectos da realidade na tríplice fronteira. 2013. 220 f.: il.
- SANTANA, J.; NEVES, M. As variações linguísticas e suas implicações na prática docente. **Millenium**, 48 (jan/jun). p. 75-93, 2015. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8096>. Acesso em: 02 jun. 2020.
- SILEIA, 1999. Disponível em: <http://www.silea.com.br/costa-rica/a-hidreletrica>. Acesso em: 02 jun. 2020.
- SILVA, E. G. **Contatos Bilíngues**: atitudes linguísticas da interação do falar boliviano com o falar cacerense. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2016.
- SILVA, R. E. **A aldeia Lagoinha e suas atitudes linguísticas frente ao bilinguismo entre as línguas terena e portuguesa numa perspectiva sociolinguística**. Campo Grande, MS: UEMS, 2019.
- SLC AGRÍCOLA. **Fazenda Planalto Safra de Soja 2017/ 2018**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=jvzmH47\\_9HA](https://www.youtube.com/watch?v=jvzmH47_9HA). Acesso em: 20 jun. 2020.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. **Tempos linguísticos:** itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

**ANEXOS**

**ANEXO A** – Dados gerais dos informantes

Sexo: (  ) masculino            (  ) feminino

Idade:

Profissão:

Escolaridade:

Residente em Costa Rica há \_\_\_\_\_ anos.

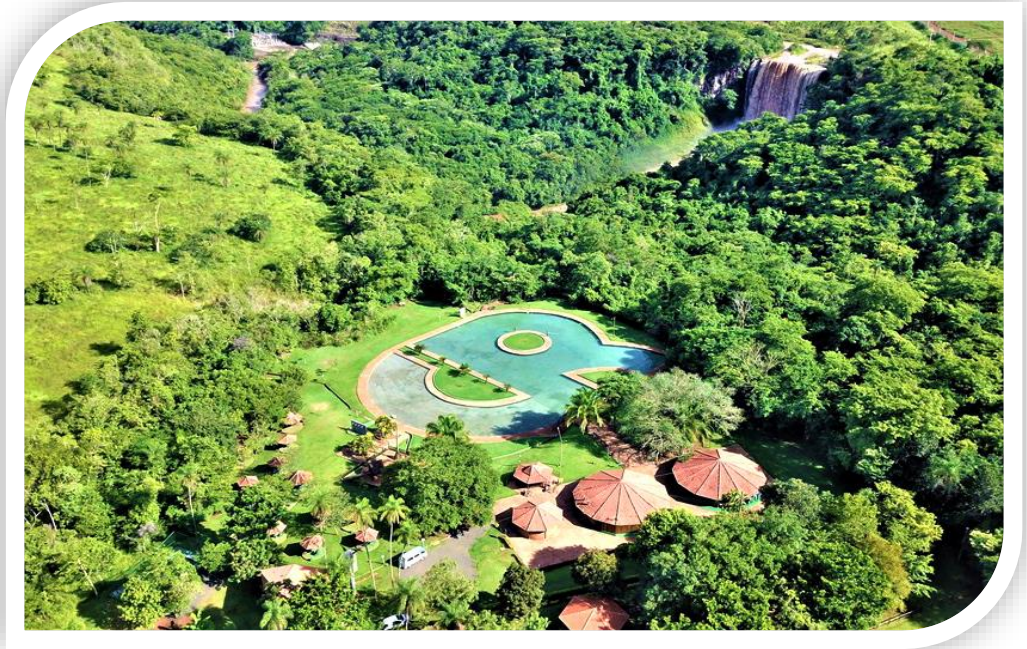


**ANEXO B** - Questionário: As atitudes linguísticas na fala dos migrantes de Costa Rica – MS.

1. Qual língua o(a) senhor(a) fala?
2. Em qual cidade nasceu?
3. Por que se mudou para Costa Rica?
4. Possui vontade de voltar a morar na sua terra/cidade de origem? Por quê?  
( ) Sim      ( ) Não
5. Em quais cidades morou?
6. Conviveu com alguém que apresentava fala diferente da sua?
7. O que essa pessoa falava de diferente?
8. O que acredita que a cidade de Costa Rica tem de diferente da sua região (exemplos: comida, gírias, cultura)?
9. Já sentiu vergonha da sua maneira de falar?  
( ) Sim      ( ) Não
10. Acredita que possui sotaque?  
( ) Sim      ( ) Não
11. Se marcou *Sim*, qual é o seu sotaque? Consegue descrevê-lo?
12. Quando chegou à Costa Rica percebeu algo na fala dos nativos?
13. Quais expressões na fala dos costarriquenses considera diferente?
14. Consegue perceber que os costarriquenses de mais idade falam diferente em relação às pessoas mais novas?
15. Acredita que existe um jeito correto de falar?  
( ) Sim      ( ) Não
16. Considera que já fala de maneira similar aos costarriquenses  
( ) Sim      ( ) Não
17. Qual língua acha ser a mais bonita?

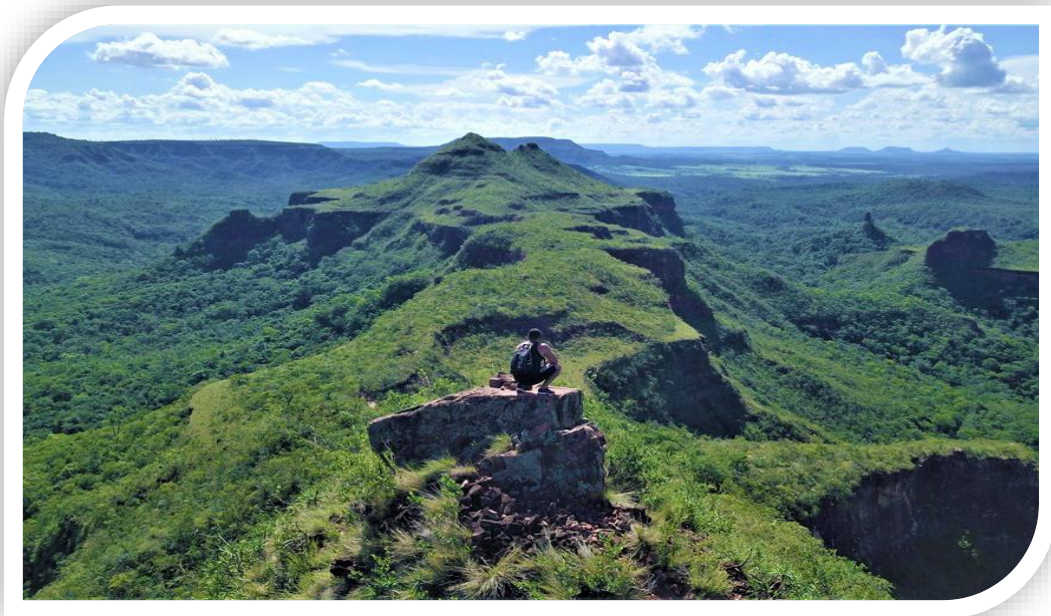
**ANEXO C: Pontos turísticos de Costa Rica-MS**

**Imagem 1** -Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú



**Fonte:** Costa Rica, 2020.

**Imagem 2** - Parque Estadual das Nascentes do Rio Taquari



**Fonte:** Costa Rica, 2020.

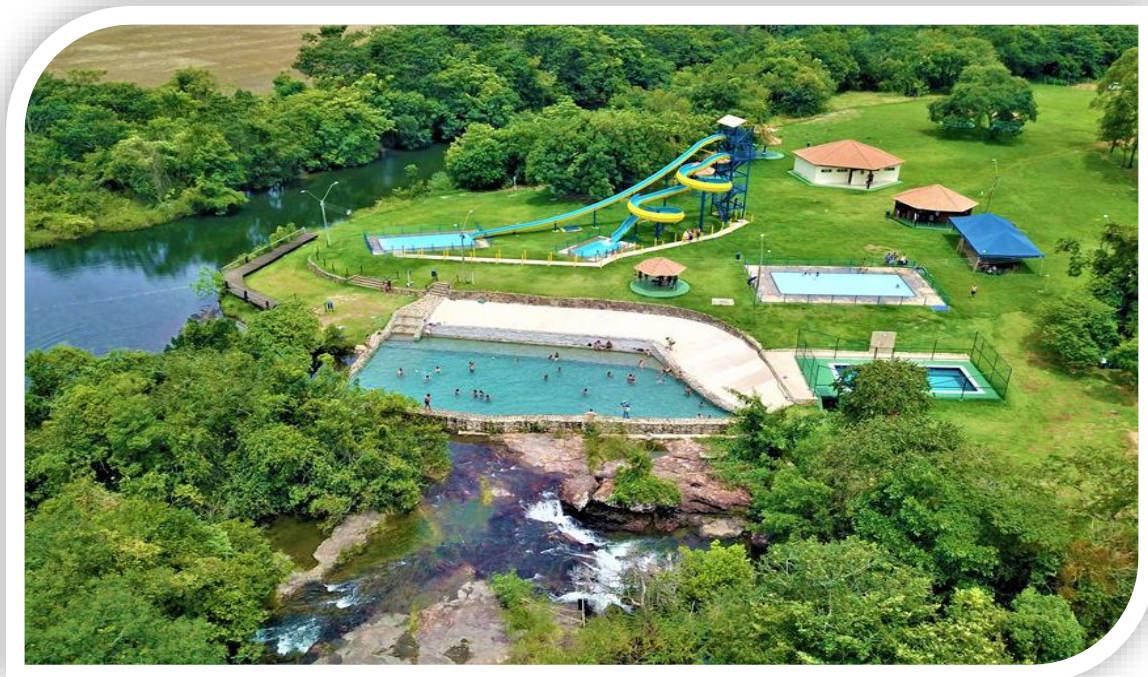


**Imagem 3** - Parque Nacional das Emas



**Fonte:** Costa Rica, 2020.

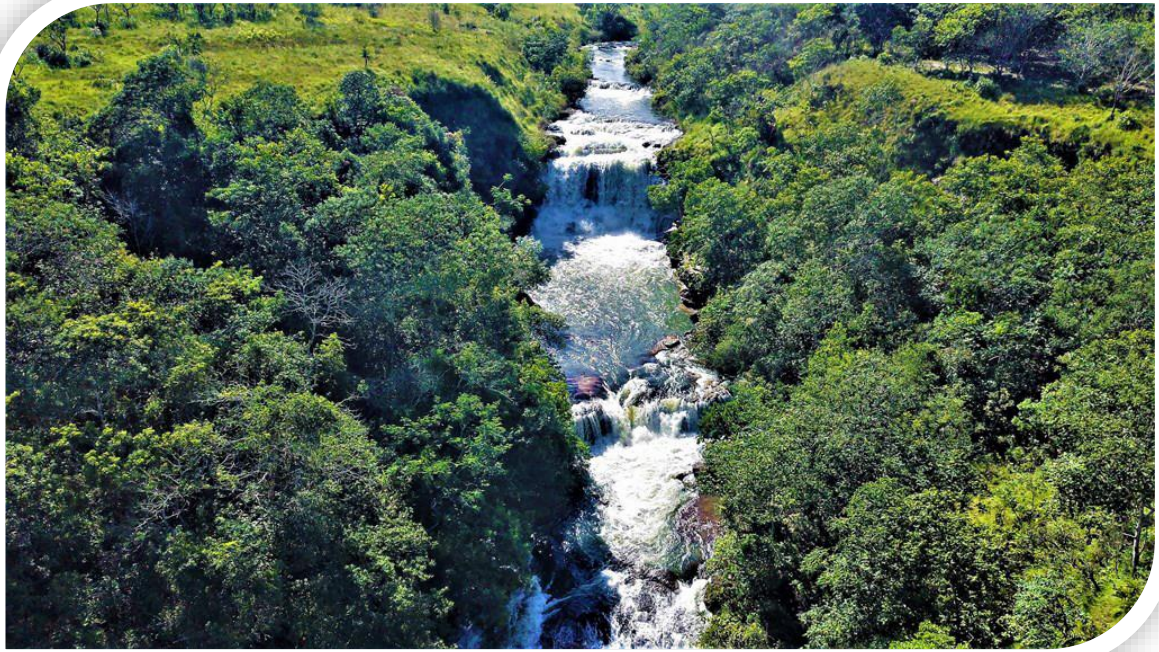
**Imagem 4** - Parque Natural Municipal da Lage



**Fonte:** Costa Rica, 2020.



**Imagem 5** - Cachoeira da Rapadura



**Fonte:** Costa Rica, 2020.

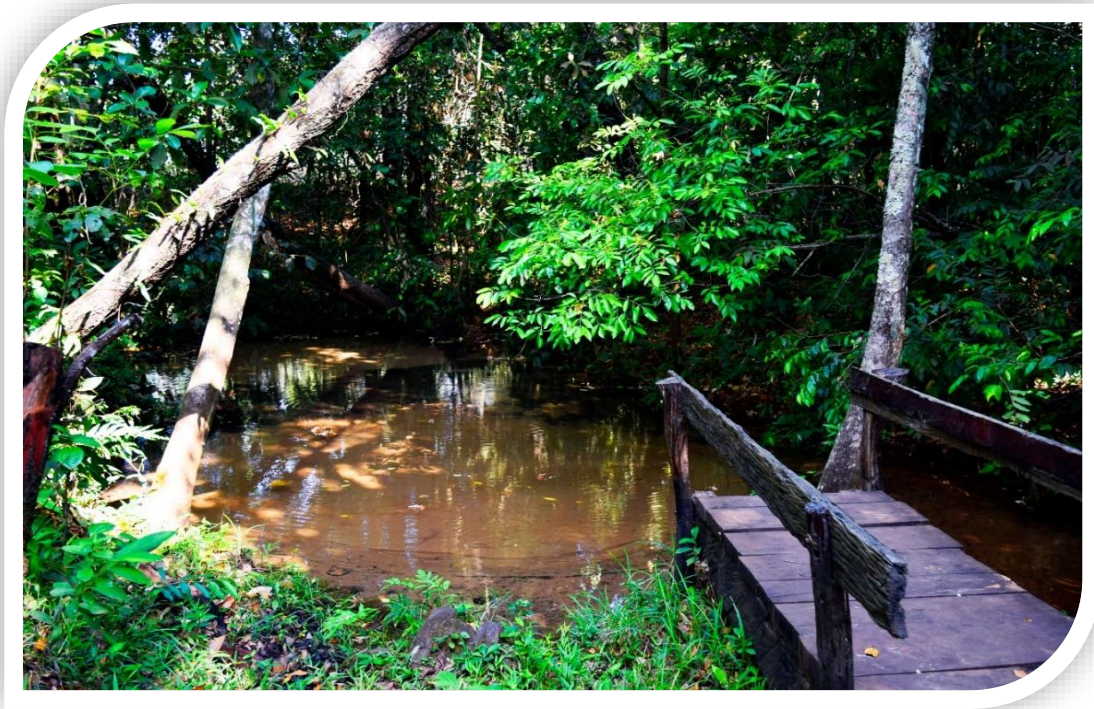
**Imagem 6** - Cachoeira das Araras



**Fonte:** Costa Rica, 2020.



**Imagem 7** - Água Santa da Capela



**Fonte:** Costa Rica, 2020.

**Imagem 8** - Parque Ecológico Vilibaldo Barbosa



**Fonte:** Costa Rica, 2020.